

Mario Noel



ESCRAVOS OU ESCRAVIZADOS?

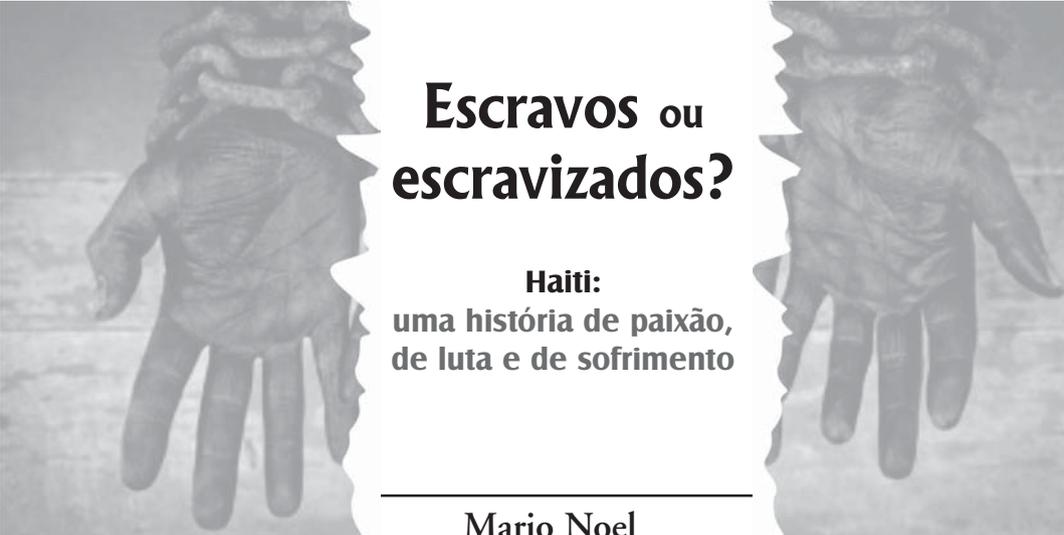
HAITI: UMA HISTÓRIA DE PAIXÃO,
DE LUTA E DE SOFRIMENTO



Escravos ou escravizados?

Haiti:
uma história de paixão,
de luta e de sofrimento





Escravos ou escravizados?

**Haiti:
uma história de paixão,
de luta e de sofrimento**

Mario Noel



EDUCS
COMUNIDADE

© Mario Noel

Revisão: Izabete Polidoro Lima
Editoração: Traço Diferencial
Capa: Miguel Angelo Mussoi
Imagem capa: www.shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

N765e Noel, Mario

Escravos ou escravizados? : Haiti : uma história de paixão, de luta e de sofrimento / Mario Noel. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2017. 104 p.: il.; 21 cm.

ISBN 978-85-7061-864-1

1. Haiti – História. 2. Escravos. 3. Escravidão. I. Título.

CDU 2. ed.: 94(729.4)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Haiti – História	94(729.4)
2. Escravos	326.3
3. Escravidão	341.231.3

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291.

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95001-970 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



EDITORA AFILIADA

A meus pais que tanto lutaram por mim:
Presnel Noel e Elinise Jean Baptiste



AGRADECIMENTOS

A vida teria um gosto insípido sem ter amigos, e acredito que ninguém chega a uma meta, sem ajuda de alguém ou de um amigo. Quero agradecer a todos, de uma colaboração à outra, que me incentivaram a chegar até o fim com este projeto, especialmente minha querida esposa Sharlene Barros de Quadros Noel, que sempre esteve ao meu lado apoiando e auxiliando; ao Prof. Daniel Giordani Vasques, ao Prof. Dr. Fernando Sidnei Fantinel, ao médico Fabrício Nicolao Mattei, Prof. Lucas Caregnato, ao Rev. Prof. Dr. Paulo César Nodari e Frei Jaime Bettega. Com a assessoria e contribuição de vocês, muitas curiosidades e dúvidas vão ser saciadas através da luz.

Também um agradecimento especial aos freis capuchinhos, em nome do povo haitiano. É importante mencionar que, desde o ano de 2006, começaram uma missão muito importante na parte Sul do Haiti (*Les Cayes*). Essa missão, cujo objetivo é implantar a Ordem no país, para promover a fé e o espírito franciscano, tem ajudado também no desenvolvimento daquela região.

SUMÁRIO



Prefácio /	11
Prólogo primeiro /	17
Prólogo segundo /	19
Introdução /	21
Origem /	25
A travessia /	33
Aqui sem querer estar /	39
Boukman /	45
Toussaint Louverture /	49
Ao Precursor da Independência /	53
União dos negros e dos mulatos /	55
Última batalha (18 de novembro 1803) /	59
Primeiro Povo Negro Independente (1º de janeiro de 1804) /	63
Cultura Haitiana /	65
Refletindo sobre a escravidão e o Haiti /	79
Lista dos presidentes do Haiti /	89
Referências /	95
Homenagem /	101

PREFÁCIO

Ser cidadão do mundo é ser gente e ser respeitado como tal

Prof. Dr. Paulo César Nodari

Muito me alegra e me deixa honrado, caro amigo, Mario Noel, escrever uma mensagem, aqui denominada de prefácio, para este teu livro, que se reveste de um significado tão importante e grandioso não só para ti, mas, também, para tua família, como também para o povo haitiano e, evidentemente, para nós, caxienses, gaúchos e brasileiros. Que bom teres, corajosamente, assumido a missão de escrever um pouco da história dos nossos irmãos e irmãs haitianos, vindos ao Brasil, especialmente no Sul do Brasil. Evidentemente, lembrando o jargão, há muito conhecido e batido, “um ponto de vista é sempre a vista de um ponto”, não obstante seja uma leitura que tens e fazes, a partir, sobretudo, da tua experiência de vida pessoal, da leitura e da compreensão, à luz das categorias interpretativas, muitas vezes, carregadas de emoção, de sentimentos, de realização, de alegrias, de tristezas, de angústias e de lembranças da Terra Natal, certamente, é uma narrativa reflexiva recheada de elementos e aspectos fundamentais à nossa compreensão da presença de muitos haitianos convivendo conosco.

Minha preocupação, nesta reflexão prefaciana, não tem outro escopo senão fomentar a importância da convivência cidadã responsável de todos nós, homens e mulheres, peregrinos, por natureza, neste Planeta, denominado Terra, a

qual, nós, há muito tempo, descobrimos ser esférica, ter limites, “obrigando-nos”, por conseguinte, a aprender a lição de viver e conviver uns com os outros, lembrando-nos, contínua e progressivamente, que a diferença não é razão de afastamento, ao contrário, é movimento de aproximação e convivência cidadã e responsável. Nessa perspectiva, a minha proposição, nesta breve reflexão, é fomentar sempre mais o processo dialógico-pacífico.

A paz não é simplesmente ausência de guerra e não é um conceito estático, mas dinâmico, entendido como comportamento e como acontecimento a ser instaurado e construído. A paz é um processo progressivo, ainda que inatingível em sua plenitude. A paz não é, por conseguinte, um conceito estático. Não é simplesmente ausência de guerra, pois nenhuma paz está ao abrigo de toda a ameaça de guerra. É um processo dialógico e não violento de respeito e construção coletiva. É a capacidade de instauração do diálogo incansável. Significa dizer que trabalhar pela paz implica engajamento, esforço, sacrifício. É compromisso inadiável de cada um e de todos. É a capacidade de assumir com responsabilidade os conflitos existentes e emergentes, buscando resolvê-los sem causar mais violência. Significa assumir com convicção e paixão a educação como possibilidade de instauração da paz.

A paz é processo educativo-progressivo ainda que se saiba nunca pode ser atingido por completo. Educar é sempre um desafio. Educar para a paz agrega ao desafio um comprometimento com uma sociedade mais justa e igualitária. Educar necessita desempenhar um papel fundamental, no intuito de possibilitar a sensibilização de todos para questões como justiça e paz, contribuindo não só para a percepção, mas principalmente à formação de uma consciência de paz. Trata-se não só de conscientizar alunos, mas também professores, pais, família e toda a comunidade, chamando-os para um compromisso, uma postura e uma prática de paz. A educação é uma das pedras fundamentais sobre a qual se assenta

uma nação forte, competente, criativa e democrática. Apesar de diversas autoridades não enxergarem isso, não é possível simplesmente transferir só às autoridades aquilo que também é competência de cada um. Culpar os governos ou os meios de comunicação talvez seja um ato de comodismo e não basta. Educar para uma cultura de paz, no século XXI, consolida as reivindicações feitas por diversas culturas no decorrer dos séculos. Não se fala de uma paz mascarada nem apenas simbólica, tampouco bonita só no papel ou nos cartazes em datas comemorativas. Fala-se de uma paz efetiva. Faz-se aqui menção a uma paz para toda a humanidade, que rogue por justiça e compaixão. Mudar a realidade de conflitos e de julgamentos apressados e fechados ao diálogo e de agressões à possibilidade da formação de uma cultura de paz, sabendo, no entanto, que a cultura da não violência exige compromisso e envolvimento sistemático de todas as pessoas, comunidades, instituições e nações. Assim, quem sabe, episódios de violência que atingiram e atingem famílias, escolas e instituições possam comprometer a todos na busca de soluções plausíveis. Tais acontecimentos revelam a realidade a ser pensada por todos nós e por todos os segmentos da sociedade. Embora seja sumamente importante a busca tanto do julgamento como da proteção; tanto das vítimas como dos agressores em casos de agressão e violência, acredita-se não ser suficiente buscar os culpados de quaisquer gestos e atos de agressão e violência. Tem-se que pensar uma sociedade propícia à convivência. Precisa-se aprender a conviver. Um caminho muito sensato é assumir com seriedade o compromisso e a responsabilidade tanto pessoal como social da formação e da construção de uma sociedade alicerçada sobre a sabedoria da convivência, do diálogo e do respeito.

A paz é conversão das estruturas, mas, especialmente, também, das pessoas. Afirma-se que a busca da cultura de paz não é só uma questão de estruturas. É, acima de tudo, uma questão de pessoas. Ou seja, estruturas e mecanismos jurídicos, políticos e econômicos são necessários, mas gestos de paz

nascem da vida de pessoas que cultivam constantemente, no próprio espírito, atitudes de paz. Gestos de paz criam uma tradição e uma cultura de paz. É necessário aprender a ser pessoa de paz, dominando os impulsos de agressão, de vingança e de violência. E, além disso, enquanto cidadãos, cada um precisa assumir uma postura de portador e educador para a paz. Não existem receitas, nem manuais, mas a possibilidade e a necessidade de ações a favor da paz. Pequenos gestos e pequenas atitudes podem tornar cada um e todos interlocutores e protagonistas da paz. No dia a dia, normalmente, cada um faz parte de distintos grupos de amigos, de escola, de trabalho, de lazer, de religião.

A paz é um processo de construção dialógica e de respeito às diferenças. Tanto o construir como o vivenciar a paz não é como se fosse apropriação de um objeto. É, muito mais, como algo, uma força vital que move e deve ser assumida e construída por nós. É uma capacidade que permite pensar a diversidade constitutiva dos povos e a unidade da diversidade das culturas, dos povos e das nações. Em diferentes esferas, sejam elas socioculturais ou escolares, a paz pode ser considerada de diversas maneiras e refletida em diferentes formas de agir. Os líderes nessas instâncias agem distintamente, porque especialmente na diversidade é que a paz está presente. A paz não é um estado dado, mas é algo a ser instaurado e construído por nós, e da qual não somos clientes ou seus beneficiários, mas sujeitos de construção histórica. Essa postura perpassa todas as organizações sejam quais forem, militares, sociais, políticas, religiosas, educacionais. O que auxilia no embate desses grupos e dessas instituições não é o grau e a escala de poder que os determina, mas sim o diálogo incansável pela construção de uma cultura de paz que permita que a diversidade faça parte e enriqueça o todo. A construção de uma cultura de paz necessita de um exercício generoso de diálogo entre os seres de forma individual e coletiva e, dessa forma, a paz é sempre vista como uma construção de todos e não um simples decreto deste ou daquele poder. Exatamente

por residir na heterogeneidade, ela nos permite pensar em uma cultura de paz, mas possamos, inclusive, falar de culturas de paz. Portanto, sendo um processo infindo, devemos refletir e construir a paz. Como permanente possibilidade de efetuação, a paz ao mesmo tempo se dá e se perde, se revela e se esconde, mostrando-se na sua eventualidade, imperfeição e incompletude.

O diálogo busca trabalhar os conflitos sem criar mais violência, mas sim convivência. Enquanto protagonistas e interlocutores de paz, na busca e na construção de uma cultura de paz e da resolução e superação de conflitos, tem-se condições de contribuir para a superação das várias formas de violência e injustiça. Sendo o conflito e os desafios constitutivos da existência humana, a linguagem dialógica se torna, por excelência, o meio, a instância, talvez o “mundo” privilegiado para a busca da paz. Na e pela linguagem, a paz encontra espaço propício para se desenvolver enquanto âmbito e espaço argumentativo. Trata-se de privilegiar um amplo e aberto processo democrático, reflexivo e crítico. Esse espaço argumentativo assume uma dupla dimensão. Por um lado, é preciso criticar todas as formas de violência, na tentativa de buscar critérios de análise e compreensão, de como ocorre a produção e a expressão da violência na sociedade, construindo, por sua vez, um sistema capaz de vigilância e de controle a tais mecanismos de produção. Por outro lado, urge pensar e efetivar alternativas e possibilidades que se concentrem no planejamento, detalhamento e na caracterização de uma agenda e de um projeto de paz arrojado, ainda que seja enquanto exercício de imaginação utópica.

Nessa perspectiva, será possível olhar a violência e a guerra não mais como a última palavra sobre a realidade, uma espécie de sentença a qual todos estão condenados. A paz é mais forte do que a violência. Urge dar à paz contornos melhor definidos e ousados. A paz não é algo acabado ou um objeto do qual detemos a posse como se fosse uma espécie de mercadoria. A paz é muito mais um acontecimento. É uma atitude. É um

comportamento. É um processo com o qual devemos nos engajar. É um projeto de ação de forma a incluir o corpo social, político e econômico numa ampla e solidária visão de paz. O projeto poderá virar movimento em curso, muito mais do que uma simples meta a ser alcançada estática e individualmente. Por isso, não podemos aceitar passivamente a violência. Ao contrário, temos de nos indignar diante de gestos e atitudes de agressão e violência, sejam eles cometidos por quem for. É compromisso inadiável de cada um e de todos. É a capacidade de assumir com responsabilidade os conflitos existentes e emergentes, buscando resolvê-los sem causar mais violência. E isso significa assumir com convicção e paixão a educação como possibilidade de instauração da paz. Afinal, cada cidadão é de um modo ou de outro um potencial educador e guardião da paz. Para tanto, cada um precisará assumir com convicção que trabalhar pela paz e pela convivência cidadã e responsável exige engajamento, esforço, sacrifício, compromisso no combate ao ódio, aos maniqueísmos, à intolerância e à ideia de inimigo, ao medo, aos fundamentalismos, às mentiras, à corrupção, à dominação.

PRÓLOGO PRIMEIRO



Daniel Giordani Vasques

Falar em cultura se torna cada vez mais importante no Brasil. Cultura é aquele todo que se produz, reproduz, se modifica, se diferencia, se torna alvo tanto de identificação como de diferenciação. Alguns definem cultura como olhar através de uma lente: temos a lente para enxergar a nossa cultura, mas dificilmente temos lentes para entender as outras culturas, a cultura “dos outros”.

O relativismo cultural vem atualmente para superar qualquer ideia associada ao “etnocentrismo”, ao “evolucionismo cultural” ou à ideia de que existam “alta e baixa culturas”, assim sabemos que cada cultura traz elementos de representação simbólica diferentes, e que é necessário nos colocarmos no lugar do “outro”, a partir do altruísmo, como diz o autor, para podermos reconhecer a complexidade e os valores dos símbolos de cada povo.

Olhar para a cultura haitiana, a partir da escrita de um haitiano que teve que se adaptar às nossas lentes culturais e que escreve no nosso sistema simbólico, tornou-se para mim uma ação de reflexão sobre nós mesmos, pois é a partir deste olhar para “o outro” que somos ensejados a pensar sobre os nossos sistemas simbólicos, as nossas ações, contradições, histórias. E este é um primeiro ponto que torna este livro necessário para a sociedade brasileira, ou seja, olhar para o Haiti como forma de pensar o Brasil.

Mas o livro é muito mais do que isso. Ele é um relato pessoal de quem estudou a fundo o Haiti, e também é uma descrição emotiva, de corpo e alma, do autor que viveu e ainda

vive o Haiti, mesmo que distante fisicamente. Este tipo de escrita, tão comum nos relatos etnográficos, tem um valor imensurável, não como pretensão de verdade universal, mas seguramente como densidade de detalhes, histórias, valores, símbolos, dramas, sentimentos, frustrações, orgulhos. E, neste ponto, o livro se torna fundamental para aqueles que querem ter uma descrição que ultrapasse datas e fatos históricos, mas que relate intensamente uma incursão cultural de um haitiano-brasileiro no Haiti.

Falar em “escravizados” e em “povo explorado” é mais do que uma posição, é uma necessidade de reparação histórica. E o autor sugere isso de forma quase carnal, para entender que as razões das dificuldades atuais do povo haitiano são decorrentes de uma série de explorações e interesses sociais, políticas e econômicas, tanto internas como externas, e não como simples frutos de más-administrações ou de ações de indivíduos. O livro, assim, torna-se muito relevante como autoafirmação, uma afirmação da identidade desse povo guerreiro, bravo, lutador, que conquistou sua independência, que tem seus ídolos, que tem suas produções, sua literatura, sua música e que, para além de tê-los, se orgulha disso. Assim, este é um livro fundamental para a afirmação da identidade desse povo.

As fronteiras, tanto territoriais como culturais, são construções humanas e, ao mesmo tempo em que nos identificam nos separam, nos dividem em “nós” e “os outros”. Porém, não se pode mais aceitar que elas sirvam como forma de hierarquias sociais ou de justificativas para ações racistas, exploradoras ou preconceituosas. Em tempos de construção de muros e de deportações territoriais e religiosas, que este livro seja uma ode ao respeito, à integração e à igualdade.

Akeyi Ayisyen!

PRÓLOGO SEGUNDO



Fabrizio Nicolao Mattei

Caso tenhamos interesse em saber um pouco mais sobre a história ou a cultura de um povo, a escolha óbvia é procurar um livro técnico, de referência acadêmica. As informações ali presentes com frequência, porém, são insuficientes para fornecer uma visão desses elementos em seu contexto real, do dia a dia. Em outras palavras, as emoções certamente envolvidas nos processos descritos são postas de lado, em nome de um caráter puramente objetivo.

O presente trabalho, por outro lado, claramente busca superar esta limitação. Em uma espécie de fluxo de consciência, ao sobrepor os fatos históricos e sociais a análises e experiências pessoais, o autor consegue construir um retrato bastante singular de seu país. Longe da frieza de um narrador pretensamente afastado das informações que fornece, temos acesso a todo o sentimento de alguém que, como seus pares, também é participante ativo das circunstâncias relatadas.

É difícil superestimar o quanto esse formato é válido para se falar da população haitiana, com sua sucessão peculiar de eventos que resultaram, antes de tudo, em dramas humanos. O infortúnio deste povo, o sangue de negros e mulatos representados na própria bandeira nacional, não pode ser compreendido, assim, por uma simples justaposição de fatos.

Esta obra é, igualmente, um exercício de autoafirmação. O retorno às origens africanas; a busca por desconstruir estereótipos; a agenda positiva de ressaltar o heroico e o belo onde a maioria enxerga apenas o trágico; são esses elementos que enriquecem ainda mais a leitura.

Com os recentes processos migratórios, fomos postos em contato direto com culturas bastante diversas de nossa própria. Trata-se de circunstâncias com grande potencial para gerar comportamentos de intolerância – e assim perpetuar os ciclos de opressão e sofrimento historicamente enfrentados por estes grupos. Estas páginas podem contribuir imensamente para o cultivo do respeito e da tolerância (tudo isso com uma boa dose de poesia).

INTRODUÇÃO

“Sonho com o dia em que todos
levantar-se-ão e compreenderão que
foram feitos para viver como irmãos.”
(Nelson Mandela)

Colocar-se para ficar mais perto de tudo é caminhar até o horizonte, por isso um passo vale muito e, com certeza, a vida oportuniza sempre espaços para quem deseja acertar a caminhada. Não é a história que nos muda; mais, nós mudamos através da história. Lembrando-nos do passado dá vontade de chorar, de ficar triste, de ficar feliz, de rir, de ter orgulho de algumas coisas que aconteceram. A história de fato nos capacita a ter a maturidade necessária para viver um presente formidável, sendo fortes ao longo do caminho até um futuro muito prolongado. “O tempo é uma costureira especializada em reparos.”

Segundo o diplomata e africanista brasileiro Alberto Da Costa e Silva, os descendentes do continente africano devem saber que a história da África é tão bonita quanto a da Grécia ou a de outras civilizações costumeiramente exaltadas. Para valorizar uma cultura, é importante conhecer a sua história; para conhecer a sua história, é preciso um deslocamento, e esse deslocamento é resumido numa palavra, o altruísmo. O altruísmo ou, ainda, ser altruísta é uma capacidade que nos possibilita colocar-nos no lugar dos outros, e colocar-se no lugar dos outros é aprender a sua história enquanto a valoriza. Devemos valorizar a nossa cultura e respeitar todas as outras culturas; para isso, é preciso ter a liberdade e consciência de valorizar a nossa própria origem, isto é, lembrar do passado e

dos nossos antepassados, mostrando os valores do continente africano.

Minha terra natal é uma das filhas desse continente, que tem tantas histórias inesquecíveis, o Caribe. Situado no centro do continente americano, é repleto de uma biografia de imigração complexa e diversa. É prazeroso desfrutar da sua natureza, através de uma análise tão distinta, lembrando a nostalgia escondida no lugar mais profundo de nosso coração.

Não podemos esquecer também as grandes revoluções que marcaram o século XIX, nos países europeus, especialmente com nosso colonizador, a França, movimentos que influenciaram as lutas em sua colônia, o Haiti. Foi um século de tantas histórias importantes para o progresso da humanidade. Um século em que a humanidade começou a compreender o sentido de ter liberdade, de ser independente. É claro que os conflitos internos, mais especificamente, pela igualdade das classes sociais entre a realeza, a nobreza e a burguesia e, também, pelo fim da monarquia, para se tornar uma República, refletiram-se também em suas colônias. No Haiti, por exemplo, esses conflitos deram acesso à porta da revolução, também por acreditarmos em algo que não podia ser dado, mas conquistado, que era a nossa liberdade.

Não podemos viver sem sonhar, já que os sonhos dinamizam a vida. Tentávamos viver lidando com nosso passado, como se fosse um pesadelo no leito de ontem à noite. Nossos antepassados disseram adeus a uma história inesquecível, porque eles achavam que algumas decisões precisavam ser tomadas, mesmo com sacrifícios de sangue. Eles tiveram a paciência e a coragem por vários séculos obscuros da nossa História, porque acreditavam na vida, que é, de fato, um desafio que não conhece intervalos.

Com a nossa chegada, acrescentamos ao Brasil uma nova cultura à sua diversidade. É importante que possamos conhecer um ao outro um pouco mais, brasileiros e haitianos; mesmo que não tenhamos o mesmo idioma, é hora de nos

apresentarmos. Os idiomas somos nós, porque todas as aspirações humanas se expressam no idioma. Queremos falar de nós mesmos para que saibam nossas origens, para expressar quem somos realmente com nossa própria cultura, idioma, etnia, música, poesia e religião. Terje Basiler, psiquiatra norueguês, diz que “[...] quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa”. Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa, porque a língua é parte de mim mesmo. É importante ter sempre em mente que o outro tem o direito de ser ele mesmo. Não devemos mudá-lo, devemos auxiliá-lo, ajudá-lo, mas temos de permitir que ele seja quem é.

Platão, na sua famosa alegoria do “mito da caverna”,¹ nos mostra como sair cada um da sua própria caverna para enxergar a luz da verdade, o que é também o objetivo deste nosso trabalho. Mediante uma pesquisa, tentei eliminar algumas das possíveis dúvidas que podem estar na nossa inconsciência, para ver a luz e a razão de tantas questões e indagações pertinentes sobre uma das trajetórias do povo haitiano.

¹ O mito ou “Alegoria” da caverna é uma das passagens mais clássicas da história da Filosofia, sendo parte constituinte do livro VI de “A República” onde Platão discute sobre teoria do conhecimento, linguagem e educação na formação do Estado ideal. (PLATÃO. *A República* (Da Justiça). São Paulo: Edipro, 2006. p. 302).

ORIGEM

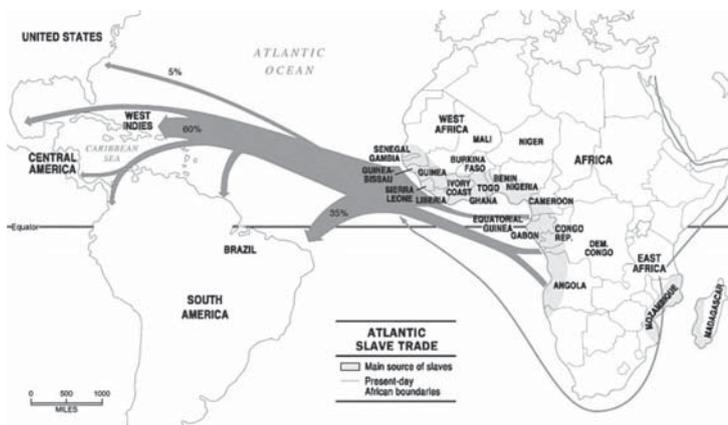
*Da água nasceu a vida,
A vida surgiu do nada.
Linda noite com esse silêncio
É tempo de dar um novo brilho.*

*Filho! Nasceu para ti um novo horizonte.
O sol está na tua frente e um rumo esperando-te.
Foi tudo o que tu sonhaste
E o porquê tu nasceste.*

*Quando levanto meus olhos ao céu
Sinto-me triste olhando para o olho teu
Minha alma abatida sem estar ao teu lado
Só o vento parece meu companheiro.*



ou o que sou com as minhas circunstâncias, com todo meu ser, com toda minha história. Um povo não pode se esquecer de sua origem, porque, só por ela, ele pode revelar a grandeza de sua história. Podemos visualizar através de qualquer uma das teorias, seja o evolucionismo ou o criacionismo, para tentar descortinar um ponto de partida, pois ninguém pode confirmar quando e como foi o começo de nossa existência, apenas tentamos explicá-la, a partir de alguns fatos. Apenas sabemos que teve um início. O que pode chamar muito a atenção, segundo essas duas teorias, é a existência de um ponto comum entre elas que é a luz. Tudo começou pela luz, e com a luz.



(hu.pinterest.com/explore/navio-negreiro-952103538126/)

Com a luz, todos podem enxergar melhor o nosso passado, o presente e o futuro, até mesmo ver mais longe que o horizonte. A luz do sol sempre brilha para todos. Para ela, não existe diferença entre as cores, os tamanhos, lugares e sexos, sequer sabe se você é animal, coisa ou pessoa. Todos nós temos essa luz interior, podemos chamá-la consciência, razão ou conhecimento. É quem nos faz livres assim como ela é livre. Essa liberdade é uma liberdade excepcional que sobrepassa nosso grau de conhecimento, para poder entendê-la e explicá-la. Por isso, às vezes tentamos elucidá-la por meio da escrita, que é uma forma de mostrar como somos e como nos sentimos verdadeiramente em nosso interior.

Origem de tudo ou, ainda, a “Arché”:² Terra, Água, Ar e Fogo são os princípios de tudo, segundo uma das teorias da

² Para os filósofos pré-socráticos, a *arché* ou *arque* (em grego antigo: ἄρχη), seria o elemento que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas do mundo, então para Tales de Mileto, por exemplo, a água era um elemento puro, e através dela podia-se criar tudo; o início, o desenvolvimento e o fim de tudo. Princípio único. SPINELLI, Miguel. *Filósofos pré-socráticos*: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

filosofia, a passagem do mito ao logo*. São importantes esses componentes, já que precisamos de cada um deles para viver, e dependemos deles para nossa sobrevivência. São fortes e são poderosos esses elementos da natureza. A meu ver, eles têm muito sentido para explicar um começo ou ainda nossa origem. A história da Bíblia nos relata a tradição dos povos do Oriente, sobretudo o povo escolhido por *Yaveh*, relatando que é nossa origem, e a base de nossa existência. Mas, será que é nossa origem? Será que tínhamos a mesma tradição e cultura? Será que tínhamos o mesmo Deus? Com certeza não! Devemos mergulhar no âmago das nossas fontes, das nossas origens e voltar para “Alma Mater”, para descobrir nossas raízes.

Falando de origem, para um haitiano, as suas raízes, sem dúvida, vêm do querido continente africano. Não tem como não falar de nossa verdadeira pátria. O berço da ciência, onde nasceu o comércio, a escrita, os números, a engenharia civil e a base da ciência, a prática da medicina e o avanço do conhecimento e da reflexão intelectual.

O filósofo grego Tales,³ nascido em Mileto por volta de 624-546 a.C. viajando pelo continente africano, criou o seu famoso teorema que é uma das bases da trigonometria e geometria, a partir das sombras da pirâmide Quéops, construída por volta de 2.560 a.C. Ele partiu do princípio de que “existe uma razão entre a altura de um objeto e o comprimento da sombra que esse objeto projeta no chão, e que essa razão é a mesma para diferentes objetos no mesmo instante”. A pirâmide Quéops é considerada uma das grandes maravilhas do mundo antigo e é a maior das três pirâmides do Egito. A partir desses fatos tão importantes da civilização humana, o Egito, no continente africano, é uma das primeiras e mais antigas civilizações do mundo.

* Filosofia = logo.

³ É o primeiro filósofo grego conhecido, busca respostas racionais para questões sobre o mundo em que vivemos. (BUCKINGHAM, Will et al. *O Livro da Filosofia*. São Paulo: Globo, 2011).

Se você nos pergunta de qual lugar da África nós viemos, não temos como responder, porque saímos de várias partes do continente africano, como: Zimbábue, Cote D'Ivoire, Guiné, Benin, Togo, Burkina Fasso, etc. E tem de acrescentar que saímos do continente e da terra mãe, não porque queríamos, mas por força dos colonos franceses, portugueses, ingleses e espanhóis, os colonizadores com sua visão exploratória e opressora. Definiam estes povos, em poucas palavras, como “mercadoria”, ou ainda “escravos mercantis”; os chamavam assim.

Nossos antepassados viviam livres em seus Estados, reinos e impérios, do seu jeito, com seus próprios costumes, culturas e juntos a seus deuses, até a chegada dos colonos que os caçaram como se fossem animais selvagens. Essa história foi contada por nossos antepassados narrativamente de geração em geração e, aproximadamente 200 anos atrás, foi escrita em papel por nossos próprios colonizadores, que são franceses, e finalmente por Antoine Thomas Madiou⁴ (Haitiano-francês), que morou e se formou na França; tomou consciência de escrever ele mesmo a própria história do seu país (Histoire d’Haiti) – e também por Aimé Cesair,⁵ nascido em Martinica (colônia francesa), que escreveu histórias a respeito dos povos das antigas colônias caribenhas, especialmente de Saint-Domingue, “La petite française”, Haiti.

⁴ Nascido em Porto Príncipe (1814-1884), foi um historiador e político haitiano, autor de importantes obras da história haitiana. Foi para França com 10 anos de idade. Lá ele fez faculdade de direito e de letras, em 1835 voltou para o Haiti e trabalhou como diretor do jornal *Le Moniteur*, órgão oficial do governo, em 1849. Sua obra *Histoire D’Haiti* foi publicada em 1847, e foi considerada um dos documentos mais importante da literatura haitiana.

⁵ Nascido em Martinica (1913-2008), era um dos poetas surrealistas. Juntamente com o presidente de Senegal Léopol Sédar Senghor, idealizou o conceito de negritude através das suas obras que se destacam pela defesa das origens africanas.

Ao nosso ver, mesmo nessa história escrita por nossos colonizadores, estão faltando muitas coisas que relatam quem somos, de onde nós saímos e aonde nós queremos ir, porque ninguém pode falar de nós melhor do que nós mesmos. É necessário nos conhecer para falar a nosso respeito e é preciso haver diálogo conosco sabendo um pouco de nós, para falar a respeito de quem somos.

*Sinto falta duma coisa na minha prosa
Uma coisa como esse vazio no meu coração,
Numa terra estrangeira não posso cantar a canção
Nem consigo levantar a cabeça para ver nossa façanha.*

*Os pais dos nossos pais têm de resuscitar
Ressuscitando também essas narrações
Que podem ser regravadas em nossos corações,
Para uma vida que há de renovar.*

Voltar para “Alma Mater”,⁶ não no sentido físico do termo, para poder ouvir ainda os contos dos nossos avós. Voltar para África não é só fazer contato com a sua natureza, com a diversidade da flora e da fauna, mas conhecer sua grandeza para valorizar a nossa. Tem uma frase que pode chamar muito a atenção em nossa literatura, que diz assim: “En montant sur les épaules de nos ainés nous voyons plus loin qu’eux”. Traduzindo: Subindo nos ombros dos nossos antepassados, podemos ver mais longe do que eles.

*Quando te deixei “Alma Mater”
Pensei nunca mais vou te rever.
Foi um amargo duma incerteza
De um longo rumo sem esperança.*

⁶ É uma expressão de origem latina que pode ser traduzida como fonte, a mãe que alimenta ou nutre. O termo era usado na Roma antiga durante o cristianismo medieval como um título à deusa mãe.

*Nada mais d'um gosto de adrenalina
Acompanhando dum frio na barriga.
Nada mais dum gosto de açúcar queimado
Saindo dum refúgio tão querido.*

*Saudades d'uma flora tão exótica
E duma fauna colorindo tua natureza
Os anjos cantam a tua beleza
E o charme de tua maravilha.*

*Guardarei as tuas proezas na minha mente
E para sempre as meditando no meu ente
Dulcineia, terra dos que sabem lutar e resistir,
Flor de Lis, você é a razão do meu existir.*

“Alma Mater”, África, foi o centro de desenvolvimento de civilizações avançadas, a pioneira e a base da experiência, e da especulação humana. Entretanto, quase sempre nos mostram um povo pobre sem história, mesmo que saibamos que a África histórica foi abundante de grandes realizações, na História da humanidade. É sem dúvida incontestável o fato de muitos deixarem de lado 5.500 anos de desenvolvimento, que antecedem o período de escravidão mercantil, o aparecer histórico aos últimos cinco séculos em geral mostra uma imagem do continente africano como primitivo ou eterno escravo. Contudo, precisamos ter nítido que os povos africanos sempre foram agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana.

O grande avanço do Egito pode ser um ponto de referência e uma fonte cultural, sabendo que, naquela época, o continente africano tinha mais de mil línguas distintas, e a língua egípcia antiga havia sido uma espécie de língua mãe. O Nilo do Egito desenvolveu a maior civilização clássica africana.

A civilização egípcia foi autora de avanços tecnológicos e revolucionários, talvez os mais importantes da História da humanidade, a invenção da escrita. Essa civilização, mais de

4.000 anos a.C., desenvolveu um calendário “calendário Egípcio”⁷ antes do calendário ocidental. As pirâmides demonstram uma engenharia extremamente precisa, já faz aproximadamente cinco mil anos. Os papiros⁸ de Ahmes ou de Rhind mostram uma matemática avançada, treze séculos antes de Euclides. Os papiros descobertos por Smith (1.500 a.C.) e Ebers (1550 a. C.) revelam impressionantes conhecimentos médicos avançados daquela época. Esses são apenas alguns fatos do avanço do Egito, onde estudaram sábios gregos como Sócrates, Platão, Tales de Mileto, Anaxágoras e Aristóteles.

Não podemos deixar de lado o Axum,⁹ atual Etiópia do continente africano. O rei Ezana de Axum foi o primeiro

⁷ Os primeiros **calendários** criados pelos **egípcios** eram baseados nos ciclos da Lua, porém esse sistema não conseguia prever as inundações anuais do rio Nilo, um acontecimento de extrema importância para a sobrevivência **egípcia** naquela época. (HARRIS, J. R. *O Legado do Egito*. São Paulo: Imago, 1993).

⁸ Papiro de **Rhind** ou papiro de **Ahmes**, é um documento **egípcio** é datado de aproximadamente **1650 a.C.**, onde um **escriba** de nome **Ahmes** detalhava a solução de 85 problemas de **aritmética**, **frações**, cálculo de **áreas**, **volumes**, **progressões**, repartições proporcionais, regra de três simples, equações lineares, trigonometria básica e geometria. (EVES, Howard. *Introdução à história da matemática*. Campinas: Unicamp, V. XXX).

Smith (1.500 a.C.): é um texto de medicina da antiguidade egípcia e o mais antigo tratado de **cirurgia traumática** conhecido na atualidade. James P. Allen, “The Art of Medicine in Ancient Egypt”. (New York: The Metropolitan Museum of Art, 2005), 70.

O **Papiro Ebers** é um dos **tratados médicos** mais antigos e importantes que se conhece. Foi escrito no **Antigo Egito** e é datado de aproximadamente **1550 a.C.** Atualmente o **papíro** está em exibição na **biblioteca** da **Universidade de Leipzig** e foi batizado em **homenagem** ao monge **alemão Georg Ebers**, que os adquiriu em **1873**. O papiro contém mais de 700 fórmulas mágicas e **remédios** populares além de uma descrição precisa do **sistema circulatório**. (Leipzig. Harrassowitz, Wiesbaden 2005; Philippika, 7).

⁹ **Aksum** ou **Axum**, é uma **cidade** do norte da **Etiópia**, localizada na **Região Tigré**. A localidade é de grande importância histórica por ter sido capital do antigo **Império de Axum**. As ruínas da antiga cidade foram inscritas pela **Unesco**, em **1980**, na lista do **Patrimônio Mundial**.

monarca convertido ao cristianismo, e foi ele que inaugurou a era do Cristianismo etíope, fenômeno que recorda os três papas africanos da Igreja católica: Vitor I, que assumiu a cadeira papal em 189, Miltíades (311), e Gelásio I (492).

Os africanos dominavam e navegavam nos mares antes das caravelas portuguesas, espanholas, francesas e inglesas. Os egípcios construíram navios de grande porte desde o terceiro milênio a.C., por importantes e ativos comércios e intercâmbios entre África, Europa e Ásia. Os africanos islamizados, os Mouros, dominaram a península ibérica durante séculos, especialmente durante a Idade Média europeia, protagonizando o avanço do conhecimento humano.

Temos um continente comum (a África), uma etnia que diz que somos um povo, apesar de toda opressão histórica, digno de valores. Temos uma origem que representa nossa grandeza e nosso orgulho. Temos um ponto de partida e sonhamos com um ponto de chegada. Temos, como todos os povos, domínio de pensar, de refletir, de falar, de construir, de planejar e de executar. A partir dessa origem, construímos nossos idealismos, nossas diferentes expressões de fé, nosso jeito de ser, nossos modos de pensar e de refletir. Como todos os povos e raças, aprendemos a fazer diferença e também aprendemos a valorizar nossa história.

A TRAVESSIA

*América, como não falar de ti, 'El Dorado'.
"A terra da exploração" de ouro
De tudo que é bom, que é novo.
Eu te exalto e te adoro.*

*Os indígenas cantam nua a liberdade
Sem os indícios da maldade.
Europa conheceu o novo mundo
Conhecendo a terra do vagabundo.*

COMO E POR QUE OS AFRICANOS CHEGARAM À AMÉRICA?



América toda foi povoada por inúmeras etnias de grande riqueza cultural. Os povos pré-colombianos já existiam muito antes de Cristo. O povo Maia, por exemplo, habitou a região das florestas tropicais, especificamente Guatemala, Honduras e México. As cidades formavam o núcleo político e religioso da civilização, e eram governadas por um Estado teocrático.

O império Maia¹⁰ era considerado um representante dos deuses na Terra. A zona urbana era habitada apenas pelos nobres ou pela família real.

¹⁰ O **Império Maia**: foi uma cultura mesoamericana pré-colombiana. Inicialmente estabelecida durante o período pré-clássico (1000 a.C. a 250 d.C.), muitas cidades maias atingiram o seu mais elevado estado de desenvolvimento durante o período clássico (250 d.C. a 900 d.C.), continuando a se desenvolver durante todo o período pós-clássico, até a chegada dos espanhóis. Coe, Michael D. (2002). *The Maya* 6th ed. Nova York: Thames & Hudson. p. 151-155.

Nessa classe social, havia sacerdotes, chefes militares e administradores do império; os camponeses que formavam a base da sociedade faziam parte da classe menos privilegiada desse povo. O alicerce da economia era a agricultura, principalmente o milho e o feijão. Suas técnicas de irrigação eram avançadas. Praticavam o comércio de mercadorias com povos, tanto no interior do império como nas vizinhanças. Ergueram pirâmides, templos e palácios que demonstram grandes avanços na arquitetura. O artesanato também se destacou com tecidos e criação de roupas.

Os Astecas¹¹ eram reconhecidos como um povo guerreiro; eles fundaram a importante cidade de *Tenochtitlán*, atual México. Tanto os Maias como os Astecas eram divididos em hierarquia e comandados por um imperador e chefe do Exército. A nobreza era também formada por sacerdotes e chefes militares. Os camponeses, artesãos e trabalhadores urbanos compunham grande parte da população. Os astecas desenvolviam muitas técnicas agrícolas, construindo obras de drenagem e ilhas de cultivo, nas quais eles também plantavam milho, pimenta, tomate e cacau; as sementes deste último eram usadas como moedas por eles. Na arquitetura, construíram enormes pirâmides utilizadas para cultos religiosos.

Os Incas¹² viveram na região de Cordilheira dos Andes, América do Sul, atuais Peru, Chile, Bolívia e Equador. Eles

¹¹ **Os Astecas:** eram certos grupos étnicos da região central do atual México, em particular os grupos que falavam a língua náuatle e que dominaram grande parte da Mesoamérica entre os séculos XIV e XVI. Soustelle, Jacques. *A vida cotidiana dos astecas, nas vésperas da conquista espanhola*. MG, Itatiaia, 1962.

¹² **Império Inca:** foi um Estado criado pela civilização inca, resultado de uma sucessão de civilizações andinas e que se tornou o maior império da América pré-colombiana. A administração política e o centro de forças armadas do império ficavam localizados em Cusco, no atual Peru. O império surgiu nas terras altas peruanas em algum momento do século XIII. (BLAINEY, Geoffrey: *Uma breve história do mundo*. 2. ed. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008).

fundaram no século XII a capital do império, a cidade sagrada de *Cuzco*. O imperador, conhecido por Sapa, era considerado um deus na Terra. A sociedade era hierarquizada e formada por nobres, quer dizer, governantes, chefes militares, juízes e sacerdotes. A classe média era formada por artesãos e camponeses. Na arquitetura eles desenvolveram várias construções com enormes blocos de pedras encaixadas, como templos, casas e palácios. A cidade *Ma Chu Pichu* foi redescoberta somente em 1911, e revelou a eficiente estrutura urbana desta sociedade. A agricultura era extremamente desenvolvida, pois cultivavam nos chamados terraços feijão, batata e milho, que era reconhecido como alimento sagrado por este povo.

Em resumo, a América tinha um passado antes de Cristóvão Colombo chegar; isso comprova que não foi ele o primeiro a explorar a América, porque já havia sido descoberta e habitada pelos povos nativos desde séculos antes de Cristo.

Aproximadamente perto da primeira metade do século XV, a Europa queria enriquecer. No entanto, os portugueses foram pioneiros no domínio político, econômico e militar, e tiveram vantagem controlando os africanos, negociando com esses povos diversas mercadorias levadas para a Europa. Os espanhóis foram os primeiros europeus a chegar com a sua famosa viagem para América. Cristóvão Colombo, italiano, e os espanhóis conheceram o Caribe, particularmente a ilha do Haiti, no dia 5 de dezembro 1492. Haiti era assim chamado pelos nativos, e quer dizer: *Terra Alta e Montanhosa*.

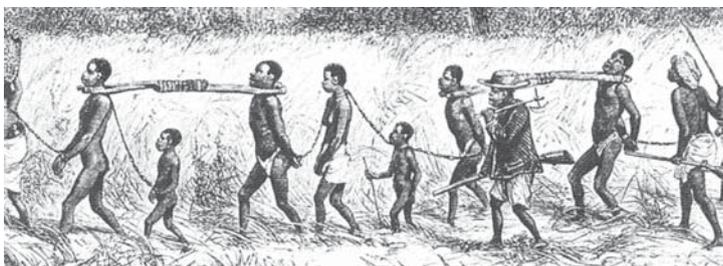
Quando Cristóvão Colombo chegou à América, junto com os espanhóis, especialmente no Caribe, a ilha do Haiti era habitada por milhares de homens e mulheres que passam a ser chamados de índios pelos Europeus. Os espanhóis se deslumbraram pela riqueza de minérios que eles possuíam. Cristóvão Colombo voltou à Espanha para relatar à rainha Isabela e ao rei Fernando o sucesso da viagem, porque foram eles que a financiaram. Colombo contou sobre a abundância

de ouro, prata e bronze que esses povos possuíam. Na visão de Colombo, eles não sabiam o que fazer com esses metais. Essa primeira chegada de Colombo foi pacífica; contudo, em seu retorno da Espanha, ocorreu uma reviravolta na Ilha. Os espanhóis obcecados pela riqueza em minérios, começaram torturar os nativos e os escravizaram. Em seu retorno à Espanha, Colombo se deparou com uma ideia de escravidão, com a qual ele não concordava.

A Espanha tinha que deter Cristovão Colombo, porque conhecer a América era um lucro enorme para ela e também para a Europa, por isso Colombo foi capturado, levado para a Espanha e substituído por Nicolas Ovando. Assim, os nativos que não queriam ficar abaixo desse jugo de escravidão começaram uma revolta contra os espanhóis. Uma guerra foi travada entre a união das tribos inativos contra os espanhóis, mas, infelizmente, quem acabou perdendo foram os nativos, pois lhes faltavam recursos bélicos, como as armas poderosas dos espanhóis. Assim morreram muitos nativos. Como já não havia nativos suficientes para trabalhar nas minas de ouro, os espanhóis fizeram um apelo aos portugueses que eram comerciantes e negociantes de escravos da África, para trazê-los para trabalhar como escravos na América.

Os povos africanos se organizaram numa estrutura diferente que os europeus. Existiam diferenças e domínios, os mais fracos e mais fortes, quer dizer, havia também guerra entre eles, normalmente por divergências em suas crenças. Um grupo que vencia uma guerra levava os prisioneiros de guerra que eram negociados e vendidos aos portugueses. Importante destacar que os europeus fomentaram as rivalidades e as tensões para implantar o tráfico de escravos que era completamente diferente das práticas desenvolvidas para povos da África subsaariana. A negociação era feita através do escambo, ou seja, troca, por tecido, vinhos, cavalos e ferros. Com esse tipo de mercadoria, os aliados dos portugueses conseguiam *status* social e tinham maiores condições de enfrentar povos ou tribos

inimigas; assim podiam obter mais escravizados para serem vendidos. Apesar de não terem sido intensas as iniciativas de colonização da África, Angola Moçambique e Guiné Bissau foram colonizadas pelos portugueses. Mas o principal objetivo era a exploração de mão de obra escrava e isso saciava os interesses mercantis portugueses, que mantinham uma relação “amigável” com os africanos visando seus interesses mercantis na região. As regiões que mais forneceram escravizados, segundo a história, foram o Cabo da Guiné, chamado pelos portugueses “Costa dos Escravos”, e os reinos do Congo e de Angola.



(<http://www.senegal-online.com/histoire/esclavage-au-senegal/>)

Os homens capturados eram obrigados a andar por quilômetros no interior da África por dias seguidos, vigiados constantemente por homens armados. Nesses grupos de escravizados, o sofrimento era grande. Eles eram obrigados a andar atados uns aos outros em fila pelo *limbambo*, um tipo de corrente de madeira ou de ferro que juntam os escravizados pelo pescoço, sem alimentos suficientes e com os pés descalços sangrando; nem mesmo animais mereciam tratos iguais. Eles eram obrigados a carregar pesos. Assim a chance era menor de rebelião e de fuga, e poucos deles conseguiam resistir a essa travessia. Essa passagem era um processo que durava meses, passando de negociação em negociação, de feira em feira, até a chegada aos portos chamados “trato negreiro” no oceano Atlântico, onde ficavam os navios estrangeiros: ingleses, franceses, espanhóis e portugueses, esperando pela sua “mercadoria.

O transporte até a América era feito pelos navios chamados negreiros ou tumbeiros. Esse nome é derivado da palavra *tumba*, porque aproximadamente 25% deles morriam asfixiados em seus porões, pois esses comerciantes compravam escravizados a mais do que cabiam em suas embarcações, para transportarem uma quantia maior de “mercadoria”. Os escravizados que foram comprados pelos espanhóis e foram levados para o Caribe, mais especificamente à “Hispanola”, eram chamados *Kreyòl*, em português, crioulo.

Nossos antepassados não sabiam onde estavam, ficavam apertados num espaço no qual sequer podiam manter-se de pé ou deitados, com insuficientes alimentos, água e ar. Assim, famintos, fracos e doentes, essas pessoas não tinham mais nada a acreditar. Segundo vários historiadores, os rebeldes morriam envenenados, e aqueles que morriam nessa travessia eram atirados ao mar.

A pesar de tudo isso, das dores e tristeza, os africanos escravizados, pessoas que nunca tinham se visto antes, e sequer falavam o mesmo idioma, muitas vezes se ajudavam compartilhando a pouca comida que tinham e se consolavam uns aos outros. Em meio a muitas incertezas e ao medo quanto ao futuro, havia solidariedade, fazendo surgir o chamado “malungo”,¹³ que quer dizer amizade de travessia, ou primos. Ao chegar à América, os colonizadores os dividiam em vários grupos de diferentes lugares. Por isso nós haitianos nos chamamos de povos do Caribe, já que temos a mesma raiz e origem, de primos, filhos duma mesma mãe, a África.

¹³ **Malungo:** título pelo qual se tratavam reciprocamente os africanos que tinham vindo da África na mesma embarcação, ou ainda por aquele que participa das atividades, da amizade, do destino de outrem; camarada, companheiro, parceiro. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*, livro de 2007 de Edimilson de Almeida Pereira.

AQUI SEM QUERER ESTAR

Podemos comparar a superfície do Haiti com a da Bélgica (27.750 km²), porque é muito pequeno, tão pequeno que se vê no mapa com um ponto no centro do Caribe. Haiti, *Kiskeya* ou *Bobio* para os nativos, “la hija de España, Hispañola”¹⁴ (filha da Espanha) para os espanhóis e “Perle des Antilles , petite française”¹⁵ (Filha da França, ou ainda, Pérola das Antilhas) para França. O nome de Haiti ou “Ayiti”, quer dizer, terra alta, terra montanhosa, o nome dado à ilha pelos seus primeiros habitantes nativos , os tainos, e os arawaks. Em 1508, chegou a ser a sede do vice-reino da Espanha e o centro da colonização espanhola.

Os primeiros espanhóis receberam as terras com o direito de trabalhá-las com os nativos que a habitavam, foi o princípio do “repartimento” (compartilhamento). A extração de ouro chegou a fornecer 500.000 peças por ano para a Espanha. Os

¹⁴ **La hija de Espanha ou Hispanhola:** Para o povo nativo (os Tainos) é Haiti, que significa terra alta, terra montanhosa, e Hispanhola foi assim chamada quando os europeus chegaram (1492) na Ilha e batizaram por Hispanhola ou La Pequeña Espanha, por aparecer-se tanto a Espanha e também entenderem que era propriedade deles. **La Petite Française ou “La Perle des Antilles”** Para os franceses, tratava-se de quando a ilha foi dividida em duas partes pelo tratado de Ryswick em 1697: Na parte Oriental foi chamada República Dominicana e parte Ocidental República do Haiti. *A Conqueror More Lethal Than the Sword. [S.l.]: US News and World Report. 5 de fevereiro de 2007.*

¹⁵ **La Petite Française ou “La Perle des Antilles”** Para os franceses, tratava-se de quando a ilha foi dividida em duas partes pelo tratado de Ryswick em 1697: Na parte Oriental foi chamada República Dominicana e parte Ocidental República do Haiti. *A Conqueror More Lethal Than the Sword. [S.l.]: US News and World Report. 5 de fevereiro de 2007.*



(<http://blog.ac-versailles.fr/classe452015blaise/index.php/page/3>)

africanos, com a condição de escravos, substituíram os nativos, que já eram insuficientes, nos campos de extração de ouro. Os nativos sobreviventes do trabalho servil começaram a se revoltar; assim, do meio deles se levantou um cacique com nome de Henri, junto a um grupo dos revoltados se refugiaram nas montanhas para obter sua independência. Essa conquista foi obtida por um período de 13 anos. Foi a abertura do período do fugitivo (*Marronage*, ou em espanhol *Cimarrón*, que significa a *fuga* dos escravos para a floresta).

A população nativa desapareceu do Haiti algumas décadas depois, mas alguns nativos formaram uma mestiçagem com os novos chegados da África e da Europa. Nicolas Ovando implantou a plantação da cana-de-açúcar, para compensar o fim da extração das minas de ouro na colônia.

No século XVII, os *boucaniers e flibustiers*¹⁶ (flibustaria, piratas, corsários e caçadores franceses) começaram a instalar-se na ilha *La Tortue* (Tortuga); eles mesmos se chamaram “frères de la côte”, quer dizer: os irmãos da costa. Foram caçadores, piratas e também corsários que atacaram os espanhóis. Em 31 de agosto de 1640, *les flibustiers* expulsaram os ingleses da ilha de Tortuga, no norte da ilha espanhola, e pouco depois a França começou a marcar seu território, principalmente a partir de 1664.

Em 1697, o rei Louis XIV¹⁷ tomou conta da parte ocidental da ilha pelo tratado de Ryswick, que pôs fim à guerra de Augsbourg, pois a Espanha cedeu legalmente a parte ocidental da ilha para a França. Esse tratado levava esse nome porque foi feito numa cidade da Holanda, chamado de *Ryswick*. Ele dividiu a ilha em duas partes: a parte oriental (atual República Dominicana, Pequena Espanha ou ainda Espanhola) e a parte ocidental (atual República do Haiti, Pequena Francesa, ou ainda *Perle des Antilles*, a Pérola das Antilhas). Essa aquisição marca o começo da ambição colonial francesa. Desde, então a história das duas repúblicas é dividida.

Com a supervisão dos franceses, as plantações prosperavam no clima tropical da ilha: café, tabaco, cacau e mais a cana de açúcar, que era o verdadeiro ouro branco no século XVII. A cana-de-açúcar teve um impacto mundial. O

¹⁶ **Boucaniers:** a palavra vem da origem de churrasco, eles cassavam as vacas e porcos selvagens e também eles secavam e conservavam as carnes através da fumaça. Eram marujos aposentados, náufragos, colonos que eram muito pobres, escravizados fugitivos, ou piratas que desistam de suas aventuras, no século XVII. **Flibustiers:** eram aventureiros e piratas franceses dos séculos XVI e XVII que se engajavam a boicotar e devastar as posses dos espanhóis na colônia. *Philipp Jacquin, Sous le pavillon noir: Pirates et Flibustiers*, Gallimard, Paris, 2002.

¹⁷ **Rei Luís XIV** (16) (1638-1715): Reinou 72 anos na França é considerado rei que reinou por mais tempo na história da Europa. Seu apelido é o “Rei do Sol”. O sol era como seu escudo, reinou como um sol sobre a corte, sobre França. *François Bluche, Louis XIV, Hachette, coll. “Pluriel”, 1999, 1ª edição 1086.*

governador francês Bertrand D'Ogeron, que administrava a colônia, fez vir grupos europeus com nome de *engagés* (engajados) para trabalhar nas plantações, ao lado dos escravizados e sob as mesmas condições que eles. A única diferença aos africanos era que esses homens chamados *bas-rouges* tinham remuneração, e sua liberdade a partir de 36 meses. Mas esses agricultores não esperavam muito tempo para renunciar a esse trabalho, pois não suportavam o clima tropical.

Com o nome oficial de *Saint-Domingue*, colônia francesa, parte ocidental da ilha, nome dado pelo colonizador (França), a ilha se desenvolveu mais rapidamente graças à plantação de café e de cana-de-açúcar. Na véspera da Revolução Francesa, aproximadamente 75% do comércio mundial de açúcar saía da colônia francesa (Haiti *île de Saint-Domingue*). Em 1788, seu comércio no Exterior era avaliado em 214 milhões de *francs* (dinheiro francês daquela época) e superior ao dos Estados Unidos.

A colônia de Saint-Domingue, parte Ocidental da ilha, foi dividida em três classes: os brancos que eram a minoria, os *affranchis* (mulatos) e os escravizados, que eram a maioria na colônia. Os brancos eram os colonizadores, plantadores e donos de terra. A classe dos *affranchis* era composta por homens de cor ou mulatos (filhos de um escravizado com um branco) e por escravizados que conseguiam a liberdade. Os mulatos, mesmo tendo o direito de plantar e de serem donos de terra e de escravos, não tinham os mesmos privilégios que os colonos franceses, que eram mais beneficiados.

Os conflitos e o racismo na ilha eram grandes, tanto na terra mãe (França) quanto na terra filha (*Saint-Domingue*, Haiti). “Quando a mãe chorava, também a filha chorava”, quer dizer que o que estava acontecendo na França refletia-se também na colônia. Por exemplo, a Declaração dos Direitos Humanos foi proclamada em 15 de maio de 1791 pela Revolução Francesa e repercutiu na colônia francesa, dando oportunidade aos homens de cor de participarem timidamente

do direito de votar. Contudo, essa medida não satisfez nem um pouco os brancos que pensavam na possibilidade de uma revolta e até mesmo a proclamação da Independência na colônia francesa. Por isso, muitas vezes havia conflitos entre eles.

Cada vez que eles se confrontavam, usavam seus escravizados para lutar a seu favor. Quando os brancos pegavam seus escravizados contra os mulatos, eles triunfavam na luta, assim como quando os mulatos lutavam com seus escravizados eles venciam a luta. Os escravizados então sentiram sua força e sua importância na colônia. Os delegados da república francesa Sontonax e Poverel tentaram proclamar a liberdade geral aos escravos, mas os agricultores e colonos franceses chamaram os ingleses a seu socorro, para impedir essa rebelião. Os escravizados aproveitavam esses momentos importantes para ter consciência de si. Desde então, passaram a reconhecer que eles também eram capazes. Naquele momento tão crucial, era imprescindível que um líder se erguesse a sua frente. Havia líderes que tentavam por diferentes formas se erguer, mas havia a necessidade de alguém realmente assumir a luta, então foi a vez de Boukman ser levantado como cabeça da revolução.



Mackandal

(<http://www.haiti-libre.com/article-18416-haiti-social-l-unesco-salue-le-courage-des-esclaves-haitiens.html>)

BOUKMAN

“UMA CRENÇA, UMA RELIGIÃO, UMA REVOLUÇÃO, UM OBJETIVO”

Boukman, homem negro que nasceu na Jamaica, posteriormente foi vendido por seu amo britânico para um dono de plantação francês, que colocou Boukman para trabalhar como diretor dos escravos e, mais tarde, como cocheiro. Seu nome do francês tem origem do inglês ‘Book man’, que quer dizer homem do livro.

Em 14 de agosto de 1791, Boukman liderou, no papel de *houngan* (sacerdote de *voodoo*), junto com outros sacerdotes africanos, uma cerimônia no “Bois Caiman”, em oculto, e profetizou que os escravizados François, Biassou e Jeannot seriam líderes de uma revolta de escravizados que os libertaria em Saint-Domingue.

Tempos depois, em símbolo ao poder espiritual selvagem e livre da floresta dos ancestrais, ele sacrificou um porco e, com o sangue desse porco, os líderes, juntamente com demais escravizados reunidos, fizeram um juramento. O procedimento desse juramento foi feito com o sangue do porco que Boukman matou, e foi dado de beber também aos participantes, para selarem seus destinos em lealdade à causa da libertação de Saint-Domingue. Os demais sacerdotes exortaram os ouvintes a vingar-se de seus opressores e “pôr de lado” a imagem do deus dos brancos (da Igreja católica), e fez apelo a seus deuses. Uma semana depois, 1.800 plantações foram destruídas e 1.000 senhores de escravos foram mortos.



Boukman Bois-caïman

(<https://mulpix.com/post/1316988805534569445.html>)

Boukman não foi o primeiro a tentar um levante dos escravizados em Saint-Domingue. Ele foi precedido por outros, como o Padre Jean em 1676, e François Mackandal em 1757. Entretanto, seu tamanho, sua aparência de guerreiro e o temperamento assustador o fizeram um líder efetivo, que ajudou a iniciar a Revolução Haitiana. Essa cerimônia tem um importante papel na identidade nacional haitiana, a religião *voodoo*, apesar de não se tornar a religião oficial da república em construção.

Após alguns meses do início da revolta, Boukman foi morto, decapitado pelos franceses em novembro de 1791. Os franceses expuseram a cabeça dele para mostrar a sua não invencibilidade, o mito que ele mesmo cultivara no coração

do povo. Apesar disso, o povo e a religião *voodoo* foram admitidos no Panteão dos 'Loas', quer dizer, no lugar dos espíritos do *voodoo*. Nesse momento, para o povo escravizado, restava apenas rezar! Rezar aos deuses *Papa legba*, *Erzili* da "Alma Mater" para que surgisse um novo líder para a sua libertação. Assim, revelou-se um novo líder, Toussaint Louverture.

TOUSSAINT LOUVERTURE

“O SPARTACUS DE SAINT-DOMINGUE”

François Dominique Toussaint Louverture, Toussaint Bréda ou ainda Toussaint Louverture, nasceu na colônia francesa (Saint-Domingue) em 1743. Seu pai, Gaou Guinou, era africano nativo. Toussaint aprendeu a ler e escrever com a idade de 40 anos, estudou a literatura francesa e o Iluminismo. Como escravizado, ele atuou como cocheiro e domador de cavalos. Seu senhor outorgou-lhe quando tinha 33 anos, a liberdade.

Em 1789, a ilha de Saint-Domingue tinha aproximadamente 500 mil habitantes 35 mil brancos, 30 mil mulatos e 435 mil escravizados. Isso mostrava que eles eram maioria e representam uma grande força. Em 1791, os escravizados de *Plaine du Nord* se revoltaram (Bois-Caiman, com Boukman) e diferentes forças se uniram; também surgiram outros líderes. Toussaint servia a vários desses líderes e, com isso, suas responsabilidades aumentavam. Em 4 de abril de 1792, a Assembleia Legislativa francesa estendeu todos os direitos de cidadania aos libertos de cor ou mulatos *affranchis* ou negros livres.

Após a decapitação de Luís XVI, no início de 1793, a França entrou em guerra contra Grã-Bretanha e a Espanha. Enquanto as agitações e a guerra racial continuavam a perseguir as instituições de Saint-Domingue (parte ocidental, colonizada pelos franceses), Toussaint ingressou no exército espanhol de Santo Domingo (parte oriental, colonizada pelos espanhóis) com a finalidade de por um ponto final à escravidão.

No início de 1794, Toussaint conseguiu organizar 4.000 negros, com alguns oficiais brancos e mulatos, formando um Exército de leais guerrilheiros, pois ele era um estrategista e um líder militar bem dotado, embora sem formação. Ele negociou com o general francês Laveaux, e mudou de lado em maio de 1794. A partir de então, combateu os espanhóis, reconquistando todos os fortes de *Cordon de l'Ouest* em menos de duas semanas, e também lutou contra os ingleses.

Seus dois tenentes, Jean Jacques Dessalines e Henry Christophe, eram extremamente eficientes. O sucesso de Toussaint levou André Rigaud (*affranchis*), homem de cor que comandava as forças no sudoeste, a renovar seus ataques, a partir de onde os homens de cor, livres, se concentravam, em *Port-au-Prince*. Rigaud controlou um batalhão de oficiais de cor e de soldados negros, que, por sua vez, controlavam o sul.

Em 1798, os britânicos fizeram uma última tentativa de derrotar Toussaint, atacando a partir do sul e, para isso, enviaram o General Thomas Maitland. Ele, porém, fracassou e assinou um tratado secreto, mediante o qual Toussaint deixava os portos abertos às navegações comerciais de todas as nações.

Toussaint nomeou Jean Jacques Dessalines governador do Sul, após ser derrotado por Rigaud em julho de 1800. Dessalines exerceu revanches extremamente severas contra a população mulata, esmagando a resistência; foram mortos 10.000 homens, mulheres e crianças. Após anos de guerras e ultrajes, a brutalidade de Dessalines suscitou amargura entre as pessoas de cor. Em 1800, Toussaint havia subordinado todas as forças restantes de homens de cor.

Napoleão enviou seu cunhado, o General Charles Leclerc, com milhares de soldados e inúmeros navios de guerra para recuperar o controle da ilha, em 1802. Leclerc desembarcou no dia 20 de Janeiro e avançou contra Toussaint Louverture. Ao longo dos meses seguintes, as forças de Toussaint Louverture combateram os franceses em Cap Haitien (Norte do Haiti), sob a condição de que não haveria retorno à escravidão.



Toussaint Louverture

(<http://artstreetvizyonayiti.org/commemoration-des-213-anniversaire-de-la-mort-de-toussaint-louverture-09042016>)

Em 7 de maio de 1802, Toussaint retirou-se para sua fazenda em Ennery (Norte do Haiti). Após três semanas, Leclerc enviou seus soldados para se apoderarem dele e de sua família. Deportou-os para a França como cativos, em um navio de guerra, pois desconfiavam que o antigo líder conspirava e planejava um levante contra a França. Toussaint preveniu Leclerc ao subir no navio com a seguinte frase: “Ao me derrubarem, vocês cortaram apenas o tronco da árvore da liberdade; ela brotará novamente de suas raízes, pois são muitas e profundas”. O precursor já preparou e planejou a independência, as estratégias para conseguir a liberdade.

Toussaint e sua família chegaram à França no dia 2 de julho de 1802. No dia 25 de agosto de 1802, Toussaint Louverture foi mandado para a prisão no *Fort de Joux*, ou

*Chateau de Joux*¹⁸ (forte da província de Doubs, a 4 km de Pontalier, na fronteira franco-suíça). Lá, foi interrogado incessantemente. Morreu de pneumonia em 8 de abril de 1803. Uma placa, em sua memória, se encontra no museu “Panthéon” em Paris.

O precursor da nossa Independência exerceu um papel fundamental na primeira tentativa bem-sucedida, empreendida por uma população escravizada nas Américas e no mundo, tendo por objetivo sacudir o jugo do colonialismo europeu. Derrotou o Exército de três poderes imperiais: Espanha, França e Grã-Bretanha. Ele morreu em prol desse objetivo, morreu com uma fé inquebrantável profetizando essa independência que não demoraria muito para chegar.

¹⁸ “Chateau de Joux” ou “Fort de Joux”: fica em Doubs, França. Era um forte e uma prisão, para prisioneiros políticos, Toussaint Louverture era um destes prisioneiros. Ele é o pioneiro da independência da primeira República Negra. Foi preso no Haiti, na colônia da França e foi exilado para França. Colocaram-lhe em segredo no “Fort de Joux” numa cela onde morreu de frio e doente. *Gabriel Gravier, Franche-Comté, pays des légendes: Arrondissements de Pontarlier (Doubs), de Saint-Claude et de Lons-le-Saunier (Jura), Editions Marque-Maillard, 1980, 210 pages.*

JAMES, Cyril Lionel R. *Os Jacobinos Negros – Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos.* São Paulo, Boitempo, 2000. Obra clássica sobre o papel de Toussaint L’Ouverture na Revolução Haitiana.

AO PRECURSOR DA INDEPENDÊNCIA



*Toussaint, “Todos os santos”.
Grande foi seu nome, e seus atos.
Alma da nossa liberdade,
Valor de nossa negritude.*

*Louverture é abertura
A um projeto de aventura
Com o messias de nossa nação,
Que é orgulho da nossa paixão.*

*É honrada sua magnitude
E suas obras à virtude.
Liberdade é sua única expressão,
Morrer que causou sua exaltação.*

*Com Dessalines novo líder da nação
É momento de cantar a nova canção.
Christophe, e Pétion, negro, mulato,
“Liberdade ou morte” é nosso escudo.*

*Mackandal! É hora para a concha tocar
Despertando a revolução começar
Catherine Flon cose a bandeira!
É hora de uma nova era.*



Jean Jacques Dessalines

(http://www.blackagendareport.com/thank_dessalines_on_4th_July)



Henri Christophe

(<http://www.latinamerican-studies.org/haitian-revolution.htm>)



Alexandre Petion

(http://albicentenario.com/index_archivos/celebraci-on-continental_47.html)

UNIÃO DOS NEGROS E DOS MULATOS

Depois de falarmos sobre o precursor da Independência, Toussaint Louverture, não podemos deixar de lado três grandes homens, a começar por Jean Jacques Dessalines, nascido em “Grande Rivière du Nord”, em 1758, como escravo. Participou das revoltas acompanhando Toussaint passo a passo. Chegou a ser General e conquistou muitas batalhas organizando o motim em 1802 contra os opressores franceses.

Henri Christophe lutou ao lado de Jean Jacques Dessalines com bravura e coragem; nasceu em Granada, em 1767, e foi levado para a colônia de Saint-Domingue como escravo. E Alexandre Petion nasceu em Port-au-Prince (Porto Príncipe) em 1770, foi militar e mulato haitiano. Esses três homens são as três pedras principais da Independência – a sua união conquistou a nossa liberdade. “A união dos negros e dos mulatos”, “L’union fait la force” (A união faz a força) é o escudo gravado em nossa bandeira.

UMA BANDEIRA, UMA IDENTIDADE, UMA FORÇA

A bandeira francesa flamejou sobre a colônia francesa, Saint-Domingue (ou ainda Haiti), durante um século, até fevereiro de 1803. O líder e precursor da Independência, Toussaint Louverture, adotou, em 1798, o tricolor francês. Em janeiro de 1801, se autoneomeou governador-geral e vitalício pela Constituição, de 8 de julho de 1801. Em junho de 1802, Toussaint foi preso e deportado para a França por Napoleão Bonaparte e lá morreu.

Ao longo da batalha em *Plaine du Cul-de-Sac*, entre a décima terceira Semi-Brigada colonial e tropas francesas, esta última perdeu sua bandeira que era o tricolor Azul, Branco e vermelho da França. Os franceses nem imaginavam que os escravizados tinham a ideia de lutar por independência, já que conservaram os emblemas da nação francesa. Alexandre Pétion, líder dos mulatos, que comandava a tropa da terceira brigada, procurou o novo general Jean Jacques Dessalines, líder dos negros, para que o aconselhasse sobre como aproveitar esse momento para dar um novo signo e uma nova identidade para suas tropas.

Era fevereiro de 1803, e o general chefe dos revolucionários, Jean Jacques Dessalines, se situou no quartel general na *Petite-Rivière-de-L'artibonite*. Ao mesmo tempo, ele arrancou o Branco do tricolor Francês e uniu o azul e o vermelho, e entregou a Catherine Flon, sua enteada, para costurar os dois panos em horizontal.



Catherine Flon

(<https://br.pinterest.com/pin/175992297916706318/>)

Então, o bicolor passou a ser identidade dos revolucionários, que foi também a bandeira rumo a nossa independência. Para isso, ele reuniu todos os principais chefes da força armada num congresso para batizar essa nova identidade em *l'arcabaie*, no norte do Haiti, no dia 18 de maio de 1803, com o tema: “Liberté ou la mort” (Liberdade ou Morte).

No dia 18 de novembro de 1803, na derrota das tropas francesas em *Vertières*, os soldados haitianos confirmavam sua independência. Em primeiro de janeiro de 1804, os chefes da revolução decidiram mudar a posição das cores colocando-as em forma horizontal. Foi a primeira bandeira oficial da República livre e independente. A Constituição de 1843 confirmaria essa bandeira bicolor horizontal, no seu art. 192.

Segundo a história da nossa bandeira, ela passou por muitas mudanças, chegou até mesmo a uma variação de preto e vermelhos, bandeira adotada pela recente ditadura: François Duvalier e seu filho Jean Claude Duvalier. Contudo, no dia 17 de fevereiro de 1986, dez dias após a partida de Jean Claude Duvalier, a nação readotou o azul e vermelho, que foi confirmado um ano depois, em 29 de março de 1987, no plebiscito a respeito da Constituição de 1987.

A cor azul representa o sangue dos mulatos e o vermelho simboliza o sangue dos negros, quer dizer, nossa independência resultou da união entre negros e mulatos, tornando possível essa liberdade. Depois de conquistarmos nossa Independência, ajudamos na independência de outros países, como Venezuela e Peru. Alexandre Petion e Simon Bolívar, junto com François de Miranda fizeram um trato para a libertação do povo hispano-americano da escravidão espanhola. Alexandre ajudou cedendo homens, comida e munições para lutar contra a colonização espanhola; em troca Simon e Miranda colocariam o vermelho em suas bandeiras. Por isso, o vermelho significa também que essa independência foi conquistada pelo sangue. Como uma bandeira caracteriza uma identidade, essa é a nossa. É um símbolo que nos deixa muito orgulhosos.



A união dos negros e mulatos: Le “Serment des Ancêtres” de G. Guillon-Lethière (détail), o juramento dos negros e mulatos. (http://blogs.upmf-grenoble.fr/haiti/?page_id=4260).

ÚLTIMA BATALHA, 18 DE NOVEMBRO DE 1803

Leclerc guardou segredo a respeito das ordens de Napoleão Bonaparte sobre a restauração da escravidão. Em sua morte, foi substituído pelo General Rochambeau, que tinha o objetivo de restabelecer totalmente a escravidão contra os rebeldes. Em novembro de 1802, ele começou uma caçada de exterminação aos negros. Muitos foram capturados, fuzilados, enforcados ou queimados vivos. Os mulatos sofreram a mesma perseguição. Rochambeau pediu à França em torno de 35.000 soldados para finalizar esse trabalho de aniquilação, mas Napoleão só podia enviar 10.000. Para economizar munições e para se “divertir”, o general Rochambeau enviou ao Mar do Cabo Haitiano (Cap Haitien) milhares de negros vivos amarrados a cadáveres de pessoas que haviam sido torturadas e enforcadas. O objetivo disso era intimidar os rebeldes que restaram.

Podemos concluir então que foi uma guerra contra a população, em vez de ser uma guerra entre duas forças armadas. Contudo, os soldados e rebeldes não se intimidaram de tal trato de Rochambeau, mais particularmente Dessalines, que adotou uma filosofia e metodologia muito diferente da diplomacia exercida por Toussaint Louverture a respeito da França. Dessalines tinha como único objetivo a Independência total pela força da luta. “Olho por olho e dente por dente”. Dessalines praticava também massacre contra os brancos da colônia que ele encontrasse em seu caminho. O ponto de ataque ofensivo dos negros abaixo do comando de Dessalines

era uma violência avassaladora. A guerra aparentava ser uma guerra racial, mas a sua verdadeira causa não estava na questão de cor, mas em derrotar a todo custo a burguesia francesa.

Em 16 de novembro, os guerreiros negros e mulatos se posicionavam no Cabo haitiano e, com a proximidade de Jean Jacques Dessalines, fortificaram-se com as ordens. Com esse ponto de ataque dos negros contra a repressão de Rochambeau, 18 de novembro foi a batalha final, o momento decisivo mais sangrento do século e que causou a evacuação de Rochambeau com seus soldados da ilha. No dia de sua partida, 29 de novembro de 1803, uma declaração preliminar foi publicada. E a Declaração Final da Proclamação à Liberdade foi em 31 de dezembro 1803.

Em primeiro de janeiro de 1804, foi proclamada oficialmente a nossa Independência pelo General Dessalines, e a ata foi lida pelo comandante Boirron Tonner. O novo povo livre adotou, como nome de sua nova nação, o mesmo dado pelo povo nativo: Haiti. Nós sentimos total orgulho ao chegarmos a esse objetivo, que tanto sonhamos desde séculos, afinal somos o primeiro povo negro a conquistar a sua liberdade do colonizador opressor e escravocrata.



Liberté ou la mort

Fête de l'Indépendance Armée Indigène

Souaïnes, le 1er janvier 1804, un 1er de l'Indépendance

Aujourd'hui premier janvier mil huit cent quatre, le Général en chef de l'armée indigène, accompagné des généraux de l'armée, convoqués à l'effet de prendre les mesures qui doivent tendre au bonheur du pays :

Après avoir fait connaître aux généraux assemblés ses véritables intérêts, d'assurer à jamais aux indigènes d'Haïti, un gouvernement stable, objet de sa plus vive sollicitude; ce qu'il a fait par un discours qui tend à faire connaître aux puissances étrangères, la résolution de rendre le pays indépendant, et de jouir d'une liberté consacrée par le sang du peuple de cette île; et après avoir recueilli les avis, a demandé que chacun des généraux assemblés prononçât le serment de renoncer à jamais à la France, de mourir plutôt que de vivre sous sa domination, et de combattre jusqu'au dernier soupir pour l'Indépendance.

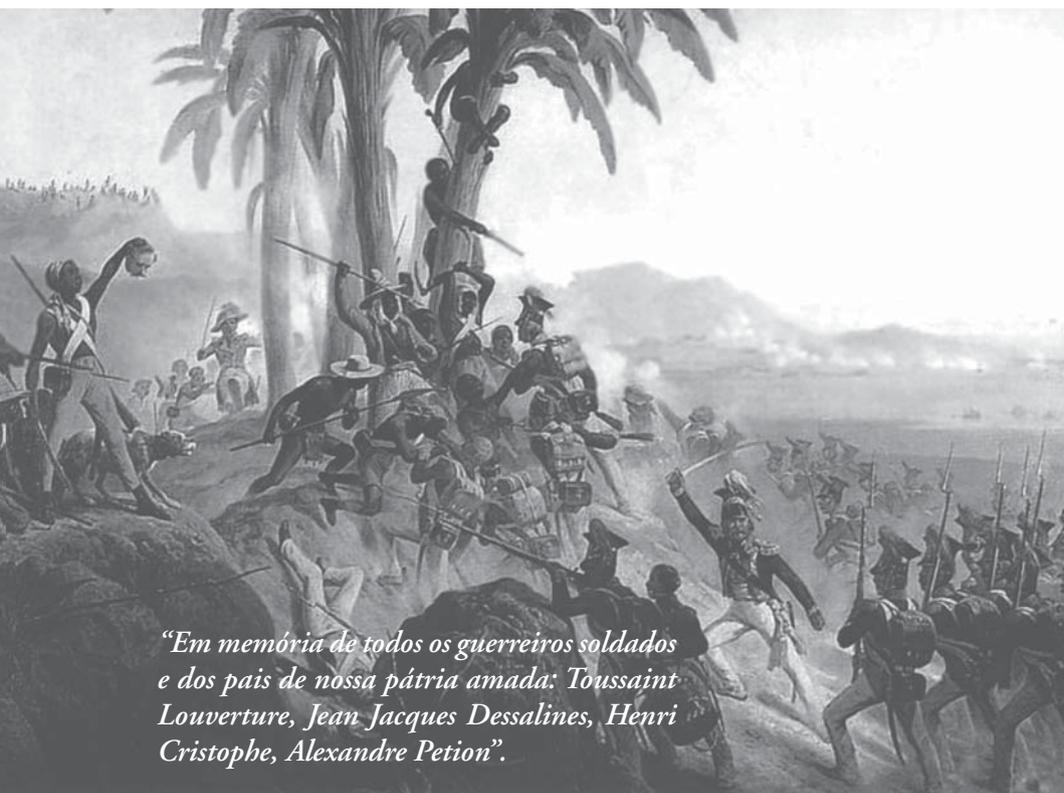
Les généraux, pénétrés de ces principes sacrés, après avoir donné d'une voix unanime leur adhésion au projet bien manifesté d'Indépendance, ont tous juré à la postérité, à l'Univers, de renoncer à jamais à la France, et de mourir plutôt que de vivre sous sa domination.

Fait aux Souaïnes, ce premier janvier mil huit cent quatre

Signé : Dessalines, général en chef; Christophe, Pétion, Sternaux, Lefrard, Verret, Sabard, généraux de division; L. Roumain, G. Bérin, F. Cyprien, Dant, Jean Louis François, Férou, Gangé, L. Bazelaïs, Haglaire, Ambroise, J. J. Nerme, Toussaint Brave, Yuhon, généraux de brigade; Bonnet, F. Lapalier, Morelly, Chevlier, Marion, adjudants-généraux; Haguy, Roux, chefs de brigade; Charéron, B. Loret, Quene, Makoua, Dupuy, Carbonne, Dayoué aîné, Raphaël, Halet, Deroncourt, officiers de l'armée; et Boisrond Toussere, secrétaire.

Primeiro Povo Negro Independente, 1º janeiro 1804

(<http://www.zoomsurhaiti.com/overview/1er-janvier-fete-de-lindependance/#.WN510DvyvIU>)



“Em memória de todos os guerreiros soldados e dos pais de nossa pátria amada: Toussaint Louverture, Jean Jacques Dessalines, Henri Cristophe, Alexandre Petion”.

Última batalha (Vertières 18 de novembro 1803).

(<http://www.lescacosnoirs.com/la-revolution-haitienne-une-action-universelle/>)

PRIMEIRO POVO NEGRO INDEPENDENTE (1º de janeiro de 1804)

INDEPENDENTE

Liberté, égalité, fraternité

Enfim, chegou a nossa páscoa
Para uma vida sem fim
Ganhamos uma fé, uma esperança
Sem protetor, sem serafim.

Uma bandeira, uma pátria
Morrer é lindo! morrer é lindo!
Não foi um presente de cima
Mas sangue que foi derramado.

Nada mais que um objetivo
De viver livre ou morrer.
Esse é o nosso destino, nosso alvo
Sem o jugo servil ao padecer.

Com pés descalços surgiu nosso grito
Napoleão não resistiu a nossa união
Porque o nosso rumo já tinha feito
E a luta virou nossa única paixão.

Nenhum povo é digno de servir a outro
Foi o que aprendemos no livro da vida.
Com a história do nosso passado
Construímos a nossa com cabeça erguida.

Liberdade, igualdade e fraternidade
Foi o pioneiro dessa conquista.
Mãe e filha chorando juntas pela liberdade
Resolvendo se reconciliar por meio da luta.

Juramos sobre essa bandeira
O respeito e a honra dos antepassados.
Guerreamos juntos por essa pátria
Para nunca mais voltar aos séculos passados.

Haiti, *Kiskeya, bohio*
Terra alta, terra montanhosa
A constelação é teu sinônimo
Pátria sempre eterna.

CULTURA HAITIANA

Nenhuma cultura é mais importante do que outra, nenhum povo é superior a outro. A cultura, segundo Edward B. Tylor, é *“todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”* Nesse mesmo sentido, apresentamos alguns aspectos da cultura haitiana, a nossa cultura. É importante saber que a base advém do continente africano. Chegando à América, sofreu influências da cultura dos *Tainos*, uma das etnias que restaram, e também do imperialismo espanhol. Um pouco depois, século XVI a século XVIII, essa cultura se alterou devido à colonização francesa, pois novos elementos foram inseridos e envolvidos como, por exemplo, música, religião e linguagem.

UMA SOPA, UMA TRADIÇÃO

A sopa de moranga, *soup joumou* tem uma história muito importante, pois antes da libertação ela não podia ser tomada pelos escravizados, apenas pelos franceses da colônia. Em primeiro de janeiro de 1804, quando nossos antepassados conquistaram a independência, eles tomaram consciência e liberdade para degustar também essa sopa e mostrar que podiam tomá-la igualmente para sentirem-se livres realmente. Até hoje, a *soup joumou* é feita pelas famílias haitianas, em primeiro de janeiro, e uma família compartilha com a outra para simbolizar a independência e mostrar que somos todos irmãos, filhos duma mesma mãe.

RELIGIÃO

Todo poder imperialista e todo povo tem uma religião oficial adotada. O sistema colonial optou, desde a Idade Média, pela religião da Igreja Católica. Quando saíram da “Alma Mater”, quer dizer, do continente africano, não eram cristãos. Mas os colonizadores, além das torturas físicas, também adotaram a tortura psicoemocional, que atacava os corações, obrigando todos a aceitar e abraçar a religião católica e serem batizados. Contudo, havia uma coisa que o colonizador não sabia: o que está no coração e na alma duma pessoa ninguém retira. Os escravizados nunca esqueceram seus deuses da África; atrás da imagem da religião católica, estavam os deuses africanos. Assim, surgiu o sincretismo religioso, através da criação de uma seita, que, oficialmente, acabou se tornando uma religião: o *voodoo Dahomey vodun*, que significa espírito ancestral. O *voodoo* foi oficializado no dia 4 de abril de 2003, pelo decreto do presidente Aristide, na ocasião de nosso bicentenário de Independência, porque a maioria do nosso povo acredita que foi, através dessa religião, que alcançamos nossa Independência.

Apesar disso, nossos líderes, uma vez que conquistaram a Independência, adotaram a mesma religião do opressor, a religião católica, desde 1804 até a atualidade. A concordata oficial entre a Santa Sé e o governo de Jean Pierre Boyer ocorreu em meados do século XIX. Segundo dados do Instituto Haitiano de Estatística e Informática (IHSI) a maioria dos haitianos se declara da religião católica, somando 54,7% da população, ainda segundo dados do senso de 2003, 15,4% da população se declaram Batistas, 7,9% como Pentecostais e 10% da população declarou não ser praticante de nenhuma religião. Nesse senso não foram levantados dados sobre religiões afrodescendentes nem sobre o sincretismo religioso.



A Catedral do Haiti antes do terremoto
(<http://www.macminds.com.br/?p=1161>)



A Catedral depois do terremoto
(<https://noticias.uol.com.br/album/2013/01/12/terremoto-no-haiti-3-anos-depois.htm>)

IDIOMAS: KREYÒL E FRANCÊS

Se hoje podemos gritar: *Aibobo, Aché, Amen* é porque desde a África saímos com nossos próprios idiomas. Saindo de diferentes regiões da África chegando à América, era muito difícil a comunicação, porque nem todos falavam os mesmos idiomas. O nosso colonizador não nos ensinou a falar, nem ao menos repetir o que ele dizia em sua língua, proibindo também a comunicação entre os escravizados trazidos da África. Os colonizadores tinham a consciência de que o idioma é uma força. Mas, com o tempo, passaram a repetir o que eles falavam, não corretamente, mas depois de certo tempo, mais do que repetir, também conseguiram criar um idioma, que é uma variação do francês com as línguas africanas.

Nossos governantes, desde o dia da Independência, colocaram o idioma francês como oficial, já que a Ata da Independência foi escrita em francês, deixando de lado o idioma construído pelo povo que é o *Kreyòl*. Segundo a história, o *Kreyól* nasceu no século XVII na Ilha “La Tortue”, e evoluiu desde 1791 com o movimento da revolução em “Bois Caïman”, lugar de encontros dos escravizados escondidos. Para tomar nossa Independência, foi necessário inventar outro idioma além do francês, pois, como já dito, as pessoas escravizadas haviam sido trazidas de vários lugares da África e não falavam os mesmos dialetos. O *Kreyól* foi importante para que houvesse comunicação, possibilitando diálogos que deram abertura à revolução, rumo à liberdade. Por isso, o *Kreyòl* é chamado idioma da libertação.

Créole ou *kreyòl* é o idioma materno dos haitianos, o primeiro a ser falado e aprendido no seio familiar. A língua francesa, contudo, ainda é a língua oficial nas escolas, nas faculdades, igrejas, escritórios. Sempre em nossa literatura e obras literárias as publicações ocorriam em francês, mas é errôneo e vergonhoso dizer que o *kreyòl* é uma língua marginalizada, pois é reconhecido como língua oficial ao lado do francês, desde 1961. Pela ajuda de Félix Morrisseau-Leroy,

entre outros, também Oswald Durand em 1896, com sua famosa poesia *Choucounne* demonstrou a importância que o *kreyòl* tem para o povo haitiano. E, desde 1980, educadores e escritores vêm destacando o orgulho do *kreyòl* na literatura haitiana.

O presidente Jean Bertrand Aristide, na ocasião do bicentenário da Independência do Haiti, também ressaltou a importância que o *kreyòl* tem para nós haitianos, tornando obrigatório colocá-lo junto ao idioma francês em nossa moeda e em nosso passaporte, valorizando assim essa língua que foi denominada pelo povo como idioma da libertação. O Haiti não é o único país que fala a língua *kreyól*, ela também é falada em Martinica e Guadalupe, apesar de algumas variações.



Moeda do Haiti, “La Gourde”

(<http://naturezaepaz.blogspot.com.br/2011/04/moeda-do-haiti.html>)

LITERATURA HAITIANA

Nossa literatura começou desde nossa chegada à ilha. Mesmo que ainda não tivesse sido registrada por meio da escrita, sempre esteve acompanhada da história passada através de contos. A partir de nossa Independência, no século XIX, tornou-se oficial através de registros escritos. Contudo, na língua francesa, mas com uma conotação patriótica apesar de ainda hoje nossa literatura sofrer influência francesa. Os movimentos literários daquela época, com Antoine Dupré, François Lhérisson, por exemplo, tiveram influência do

classicismo e do romantismo francês daquele século. Alguns escritores e poetas haitianos daquela época, como Oswald Durand e Massillon Coicou, contestavam esses movimentos, mesmo que o teatro, por exemplo, fosse rico e importante, apresentando diversos gêneros, como drama e comédia e refletindo os nossos costumes. Eles alegavam que a literatura haitiana estava muito dependente dos movimentos literários franceses.

No século XX, a França ainda era referência para muitos escritores como Etzair Vilair (*Les dix hommes noirs*) e Georges Sylvain. Com a ocupação americana em 1915, a literatura passava a ser um movimento de luta, uma resistência a essa ocupação, porque era uma vergonha que a inspiração viesse de uma luta que não tinha estabilidade política. Por isso, era necessário que se criasse um novo movimento literário. Então surgiu o movimento chamado Indígena, tendo como fundador Jean Price-Mars (*Ainsi parlait mon oncle*, 1928), convidando os escritores a transcenderem para além da linha de reprodução, para que buscassem meios de se tornarem criadores, voltando às raízes africanas, para tornar nossa literatura original e mais próxima das nossas realidades.

O termo *realismo* foi usado e inventado na literatura latino-americana pelo cubano Alejo Carpentier, através de um estilo que incorpora várias dimensões e aspectos da imaginação, para recriar a realidade e elementos que contribuam a sua formação e o uso do “real maravilhoso”. A literatura haitiana também foi influenciada por esse movimento literário do século XX. A literatura do realismo tornou-se um campo de engajamento e de defesa do povo haitiano, com Jacques Roumain, e sua obra famosa *Gouverneurs de la Rosée* (1944), e René Depestre. O realismo teve muito sucesso com René Depestre e Jacques Stephen Alexis, nos anos de 1950. Na literatura contemporânea, escritores como Louis-Philippe Dalambert, entre outros, se destacam escrevendo suas teses de

doutorado a respeito dessa literatura e as influências do movimento de Alejo Carpentier, escritor cubano.

Durante o regime de Duvalier, ocorreu um êxodo de escritores e vários intelectuais haitianos, porque não era vantagem para o opressor haver pessoas que pensassem e tivessem coragem para lutar pela liberdade do povo. Por isso, eles foram exilados e surgiu uma literatura de militantes, cujo objetivo era conscientizar o povo de seu sofrimento, e mostrar-lhes que isso deveria acabar. Escritores como Rodney Saint-Éloi e Jean Métellus, entre outros, fizeram apelo aos haitianos, usando como cena o cotidiano do povo do Haiti, tendo como pano de fundo o folclore haitiano. No entanto, para esses escritores, durante o exílio era muito difícil qualificar um texto original haitiano, porque tanto tempo exilados fez com que perdessem elementos essenciais da cultura haitiana.

Falando do momento atual de nossa literatura, gostaria de fazer uma homenagem especial a Dany Laferrière, segundo negro depois de Léopold Sedar Senghor, senegalês, e o primeiro haitiano a ter um assento na Academia Francesa, em Paris, no dia 12 de dezembro de 2013. Ele nasceu em Porto Príncipe, no dia 13 de abril de 1959, é jornalista, escritor e roteirista. Haitiano-canadense, foi exilado no regime da ditadura de Duvalier. Recebeu o prêmio Médici em 2009, com seu romance *L'énigme du retour* (O enigma do regresso). Laferrière, estando no Canadá no exílio, escreveu sua famosa frase que muito nos inspira: "*J'ai quitté là-bas, mais je ne suis pas encore d'ici*". (Eu deixei lá, mas ainda não cheguei aqui), quer dizer, mesmo estando no Canadá em exílio, sua alma e seu espírito ainda estavam no Haiti. Este tem sido seu papel: nos representar-nos e inspirar através de suas obras; atualmente, ele é o embaixador nacional e internacional que representa a cultura haitiana no Exterior.



Literatura Haitiana (Dany Laferrière na academia Francesa)
(<http://www.rcinet.ca/fr/2015/05/28/dany-laferriere-membre-officiel-de-lacademie-francaise/>).

MÚSICA

Nossos antepassados trouxeram da África suas músicas que tinham o tambor como instrumento principal e sagrado, por isso a música folclórica esteve sempre em nossas veias. A soma dos arranjos musicais africanos, na terra caribenha, geraram diversos ritmos, entre eles o *Racine*, um ritmo que uniu a crença do povo oprimido daqueles séculos. Através dele, e do ritmo do tambor, o povo expressava seus sentimentos, suas dores, seus problemas e dificuldades desde tempos passados.

Para a diversão do povo, o famoso e talentoso Nemours Jean-Baptiste, em 1955, criou o *Konpa*, ou ainda *Compas*, um ritmo que também é nosso. Nasceram desde então duas orquestras principais, Tropicana D’Haiti e Septentrional, entre outras que guardam essa riqueza do povo. Um pouco depois, esse ritmo foi influenciado pelos grupos musicais que viajaram durante a ditadura; assim, o Konpa evoluiu bastante em nossa terra e também no exílio, com festival de Konpa nos Estados Unidos, na França e no Canadá, através dos haitianos e grupos musicais no Exterior.

O Caribe contém uma grande diversidade cultural e linguística. Em meio a esses câmbios, adotamos outros ritmos de nossos “primos” caribenhos, como: o Song e a Salsa de Cuba, a Batchata e o Merengue da República Dominicana, o Regueton e a Salsa de Puerto Rico, o Reggae da Jamaica e o *Zouk* da Martinica – esse é o ritmo mais parecido com o *Konpa*. Também aderimos ao *Pop* e *Rap* dos Estados Unidos; enfim, essas trocas permitem a existência de uma heterogeneidade musical muito ampla.

A influência de nossos “vizinhos e primos” é tão grande que nosso *Konpa* atual está mesclado com esses ritmos. Outro ponto forte da música é um momento e um espaço que o povo não pode perder: seu Carnaval no *Champs de Mars*. Ele acontece no coração da cidade de Porto Príncipe perto do Palácio Presidencial.

A música é muito importante em nossa cultura. Ainda hoje, no campo, as pessoas a usam como motivação para trabalhar, e plantam enquanto cantam nas roças, porque acreditam que facilita o jeito de fazer as coisas e assim fazem com mais rapidez e alegria.



Nemours Jean Baptiste
([http://nemoursjnbaptiste.
homestead.com/](http://nemoursjnbaptiste.homestead.com/))

ASPECTOS CULTURAIS

O folclore haitiano é um conjunto de produções coletivas do povo, transmitidas oralmente de uma geração a outra. Quando nossos antepassados saíram da África, trouxeram um conjunto de histórias, narrativas, canções, músicas, danças, crenças, rituais e habilidades. Abandonados no território das terras altas e montanhosas (Haiti), não conseguiam esquecer a sua terra natal. Apesar da mistura da cultura com a filosofia indo-europeia, buscamos maneiras de recriar e valorizar a nossa própria identidade, fazendo nascer o belo folclore haitiano.

O povo haitiano, assim como outras culturas, definiu um universo espiritual e cultural. Um universo desconhecido que, durante anos, esteve sujeito a mal-entendidos, opressão e perseguição. É importante apresentar um pouco do nosso folclore que, em grande parte, inspirou o povo haitiano. Um *ayibobo*, ou um agradecimento especial, ou ainda uma afirmação da nossa identidade e aceitação de todos os componentes de nossa cultura. O folclore haitiano é, em grande parte, uma forma de luta contra a opressão, a negação e o autodesprezo.

Segundo os sacerdotes do *voodoo* (*hougan*), sua religião herdou dos povos africanos, druidas (povos de origem indo-europeia) e cristãos, uma deusa chamada Erzilie. Esta é representada como uma espécie de ideograma e, ao que parece, desde o início dos tempos, é adorada em toda a Terra. Ela contém características que trazem consigo a força da vibração da terra que dá acesso ao caminho do conhecimento manifestado, regenerando o princípio do qual vem à vida a cósmica matriz da qual a luz do mundo surgiu. Seu lado bivalente a mostra carregando uma espada, através da qual enxergamos seu aspecto da punição e justiça, mas, por outro lado, ela carrega também a generosidade e a partilha. E, por motivos ainda desconhecidos, a crença supersticiosa nela ainda se mantém viva.

Um dos maiores pintores haitianos é Hector Hyppolite *houngan* (sacerdote do *voodoo*); suas pinturas são marcadas com selo total de autenticidade, porque essas obras representam uma mensagem importante da cultura haitiana. A história do Haiti há mais de 200 anos tem sido caracterizada por um longo processo de decadência social, política e econômica, apesar do fato de que pensadores haitianos, como Jean Price-Mars, têm procurado incentivar-nos a uma viagem para o interior de nós mesmos. Mars introduziu, com a publicação de seu livro *Ainsi parle l'oncle* (Assim fala o tio), a etnologia no país, incluindo a participação decisiva na redefinição da comunidade haitiana em novas bases. Ele chamou a nossa atenção para a necessidade de nos libertarmos do *mal-estar* e de *cadeias de negação*, tirá-los da nossa memória coletiva. Ainda hoje é a sua mensagem.

Foi em 1848, em julho, em uma pequena floresta de flores silvestres, árvores *mapous* e palmeiras, localizada a sudoeste da cidade de Mirebalais, que a virgem Maria, conhecida pelo título de Nossa Senhora do Carmo, fez uma aparição. Em 1905, surgiu uma nova cidade chamada *Saut d'Eau*. Não eram os cristãos que estavam presentes, mas os fiéis do voodoo, comerciantes e turistas dos Estados Unidos, Canadá e da França. Também, ainda hoje, acontece peregrinação em *Plaine du Nord*, no *basen Sen Jak Majè*, que é certamente uma das mais populares do Haiti. Em seu ritual, é especialmente conhecida por um rio cheio de lama, que para os fiéis do *voodoo* é considerado sagrado; nele, os peregrinos se purificam a cada ano, em julho, em honra de Ogou (Ogum), o deus guerreiro.

Um dos monumentos mais famosos no Haiti é o palácio *Sans Souci*, que tem 365 portas e pertenceu ao rei Henri Christophe. Outra obra de arte arquitetônica é a cidadela *Citadelle Laferrière*. Atualmente, ambos são considerados Patrimônio Mundial da Humanidade. O Cabo Francês tornou-se Cabo Haitiano, e é uma das províncias do Haiti que também atrai muitos turistas. Jacmel também é uma cidade turística e

é muito conhecida por seu famoso carnaval. No Sul do Haiti, por exemplo, em *Les Cayes*, no Gele, também a cada ano acontece um espetáculo turístico, tanto nacional como internacional.

O fenômeno “Rara” há muito tempo simbolizou o sincretismo *voodoo* e a extensão do reflexo *Marrom* (fugitivos) de nossos antepassados. Para os habitantes das aldeias, a *Rara* é vista de forma diferente: como um período de intensa fé para membros da comunidade, ou como um momento de distanciamento para a maioria dos moradores comuns, que se dedicam às práticas das religiões cristãs.

A música “Racines” (Raízes) surgiu no final de 1970 a partir da fusão de música *voodoo* e ritmo do *jazz* americano. Em meados de 1980, a maioria dos grupos dependia de textos que indicavam claramente a necessidade de mudança. Os ritmos do *voodoo* são compostos por guitarras-elétricas, teclados e vocais. Um dos grupos mais conhecidos é Boukman Esperyans, que também tem uma forte consciência política.

Nas religiões negro-africanas, os sábios ensinam que a serenidade, o controle e a calma são o caminho que conduz à harmonia. Nós, seres humanos, devemos encontrar em nós mesmos uma maneira de alcançar a harmonia entre nossas ações e nosso corpo, entre nossas ações e nossa alma e entre nossas ações e a criação na sua totalidade. Estes conceitos e o senso de honra são os pilares da cultura negro-africana.

ARTE

Os principais tipos de arte são a pintura e a escultura em madeira. Através das cores e formas, expressamos nosso jeito de ser e pintamos nossa realidade, sem esconder o nosso jeito de viver. Com cores brilhantes expressamos nosso humor, representamos nossos alimentos, paisagens, animais do campo, rituais, danças e os deuses evocados na África, no passado.

Desde a Segunda Guerra Mundial, entre os vários elementos da cultura haitiana, a pintura é uma das mais conhecidas no Exterior. A sua história começou com a chegada de Dewitt Peters, atuando como professor de Inglês na Escola Estadual de Porto Príncipe. Pintor e filho de pintor, teve contato com vários pintores haitianos, e juntos eles fundaram um *Centre d'Art* (Centro de Arte), em Porto Príncipe, com o objetivo de disseminar a arte de pintura haitiana.

Com a inauguração oficial do Centro de Arte pelo presidente Elie Lescot, em 14 de maio de 1944, as pinturas foram expostas pela primeira vez. Nesse Centro de Arte, vários pintores haitianos de renome aperfeiçoaram seu talento e, posteriormente, diversificaram seus estilos e temas, para levar a formação de novas escolas rivais.

A Escola do Norte (*École du Nord*), ou *Cap Haitien*, foi marcada pela personalidade de Philomé Obin e por Pernickety, que recontavam através da pintura a vida diária e os grandes momentos da história da pintura do Haiti. A escola dos pintores do Sudoeste (Jacmel) tinha Préfète Duffaut como líder. Os temas tirados eram a vida camponesa e o *voodoo*. Em 1972, foi fundada por Maud Robart e Ti Ga pintou o movimento “Saint-Soleil”, incentivando os pintores a retratarem o que quisessem.

As pinturas haitianas, como arte popular, têm fascinado o mundo da arte e os intelectuais. Os artistas geralmente são artesãos ou agricultores, suas obras cogitam sobre as preocupações da vida cotidiana, a beleza da natureza e as imagens do nosso povo.



ESPORTE

Desde os tempos passados até a atualidade, existem as “Brigas de Galo”. Contudo, não é algo aceito como esporte, é mais um tipo de diversão popular em nossa terra. Temos o futebol, que sempre foi e ainda é nosso principal esporte, o basquetebol em segunda posição e o voleibol, que fica na terceira posição. A Federação de Futebol do Haiti nasceu em 1904 e se filiou à Fifa em 1934. Temos uma história muito interessante no mundo de futebol. Nosso time foi campeão da Concacaf em 1973 e vice-campeão em 1971 e 1977. Nos Jogos Olímpicos da Juventude, conquistou a medalha de prata em 2010.

Tivemos alguns jogos importantes em nossa história. Para revelar certas curiosidades, participamos na Copa Mundial de 1974. Desde então, nunca tivemos possibilidade de participar novamente. Contudo, sempre tentamos erguer a cabeça para mostrar o nosso melhor esforço. Entretanto, na Copa América do Centenário, perdemos por 7 a 1 contra o Brasil em 2016, sem esquecer nossa derrota 6 a 0 também para o Brasil, no amistoso em 2004. Nós sempre fomos apaixonados pelo jogo e pelo time brasileiro. No Haiti, o time brasileiro têm torcedores incomparáveis, já que a maioria da população torce em favor do Brasil, 65%, 30% em favor da Argentina e 5% torcem em favor de outros times.



Federation Haïtienne
de Football (FHF)

REFLETINDO SOBRE A ESCRAVIDÃO E O HAITI



Os erros fazem parte da História humana, porque apesar de existirem grandes cientistas e filósofos, ou ainda sábios, eles mesmos também podem cometer erros. Isso é normal. Com os erros, nós podemos aprender, tendo a capacidade de reconhecê-los e nos deixarmos corrigir por eles. Disse Aristóteles que os homens em absoluto não são naturalmente iguais, mas nascem uns destinados à escravidão e outros à dominação. “A natureza, para entender à conservação, criou certos seres para comandar e outros para obedecer. É que ela quis que o ser dotado de razão e previsão ordenasse como senhor, e que o ser capaz, por suas faculdades corpóreas, de executar ordens, obedecer como escravo”.¹⁹ O que diríamos dessa frase de Aristóteles? Isto é normal? Deveríamos aceitar essa realidade?

Acredito que não, pois concordo com o que disse Mandela, ao afirmar que a pobreza e a escravidão não vêm ao acaso, os homens as criaram. Existem algumas decisões para tomar na vida que devem ser feitas com sacrifício, por vezes

¹⁹ Aristóteles aceitou essa condição humana de escravidão apresentada em sua obra “A política”. Ele não nega a natureza humana ao escravo. Na sociedade são necessários os trabalhos materiais, que exigem indivíduos particulares. O Estado é superior ao indivíduo, o bem comum é superior ao bem particular. Uma família para ele é composta por quatro membros. O chefe que é o homem da casa a que pertence a direção da família: a mulher, os filhos, os bens e por últimos os escravos. Para que a propriedade seja produtora, são necessários instrumentos inanimados e animados, estes últimos seriam os escravos. *Aristóteles, política, 1. I, C.I.*

com sacrifício de sangue, porque ninguém pode se retirar dessa situação a menos que faça alguma coisa para sair dela, e é necessário a gente mesmo. Afinal, Deus não disse nada a respeito da escravidão, porque ela sempre existiu. Temos apenas um exemplo, o do povo que ele mesmo escolheu para libertar. Nas sagradas escrituras e nos grandes livros que possuem sabedoria excepcional, nunca foi dito nada também a respeito desse assunto. Jesus, Buda, Maomé não falavam nada a respeito. São Paulo, em suas famosas cartas aos féis cristãos, pediu aos escravos a obediência cega a seus donos. É isso que Deus quer para eles. Para Nelson Mandela,²⁰ “a pobreza não é um acidente. Assim como a escravização, a pobreza foi criada pelo homem e pode ser removida pelas ações dos seres humanos”.

Em nome da Declaração Universal de Direitos Humanos, tivemos a oportunidade de dizer não à escravidão. Era um sonho que se tornou realidade, fato é que temos uma vida melhor do que era antes. Infelizmente, não foi conveniente para o povo haitiano conquistar sua liberdade, porque foi pago muito caro ao nosso próprio colonizador, e também aos Estados Unidos, para reconhecerem nossa liberdade. De fato, isso influenciou na situação do país que, até hoje, é um dos países mais pobres do mundo.

Agora uma pergunta muito pertinente aos brasileiros: Por que os haitianos vêm para o Brasil trabalhar, ou qual o motivo de saírem de sua terra natal para outra?

²⁰ Nelson Mandela “Madiba” (1918-2013): “*A pobreza não é um acidente. Assim como a escravização e o Apartheid, a pobreza foi criada pelo homem e pode ser removida pelas ações dos seres humanos*”. Madiba é considerado como o líder mais famoso da África. Com seu prêmio Nobel de Paz, ele cativou o mundo, porque seu exemplo é ir pelo lado pacífico para mudar e dar exemplo ao mundo. Se queremos de verdade um mundo melhor é sempre pela via de paz. Ele inspirou a produção de inúmeros filmes, livros, documentários e músicas. *Nelson Mandela: a biography* (PETER LIMB, 2008).



(<http://www.haitilibre.com/article-13545-haiti-justice-sommet-international-des-reparations-pour-la-traite-et-l-esclavage.html>)

Para compreender melhor essa questão, podemos começar observando nossa lista de presidentes da República; através dela, percebemos que começamos com um pé esquerdo a nossa história. Haiti, *Quisqueya*, *Bohio*, a velha colônia francesa tem sido explorada pelos europeus, especialmente pela França e, ainda hoje, essa exploração continua através de desentendimento como irmãos, num pedaço de terra. Uma instabilidade política que gera uma instabilidade econômica e faz com que o país vá até agora andando numa direção sem objetivo.

Infelizmente, meu país faz parte ainda dos países mais pobres do mundo, isso é uma realidade. Será que não estávamos prontos para esse passo? Já que o conceito de liberdade consiste em ser independente e autônomo relativamente ao dinheiro, e a tomar decisões? Quero dizer que deram aos haitianos sua carta de alforria, contudo tiraram deles suas riquezas explorando-os e mantendo-os na opressão, como peões no jogo

de poder do capitalismo. Será que o colonizador, a França e/ou o imperialismo americano, principalmente, ainda exercem influência nas decisões e na autonomia do país?

É importante fazer uma retrospectiva sobre nossa história. Esses fatores como: imaturidade na independência, França, ou Estados Unidos como barreira, ignorância de serem independentes, falta de consciência de união. Quais dessas evidências realmente nos perturbam para termos um futuro melhor?

Quando decidimos começar as revoluções, em 1791, dizendo não à escravidão, parece que faltou planejamento quanto ao futuro; quer dizer, ter consciência da previsão da pós-Independência. Desde o planejamento da revolução rumo à liberdade em 1804, parece que Dessalines e os heróis não sabiam as consequências de “cortar cabeças e queimar plantações e indústrias” (*koupe tèt, boule kay*), porque tivemos que pagar para a França milhões em francos de ouro e também aos Estados Unidos, para reconhecerem nossa liberdade. Desde então, nossa Independência não teve seu sucesso total, porque o país ficou muito pobre, devido ao preço pago por ela, e agora a luta é pela autonomia.

Nosso líder da Independência, Dessalines foi eleito por voto unânime e aceitou o cargo da presidência. Dois anos depois, se autodeclarou imperador de nossa pátria. Já que a colônia era da França, os filhos dos franceses (os mulatos) queriam reclamar a maioria das terras e dos bens para si; então, desde esse momento a união entre os mulatos e os negros começou a falhar. Dessalines, ao contrário, um pouco depois da Independência, tomou conta da maioria das terras para si e a seus respectivos generais; a partir daí começou certa discórdia. Essa dissonância levou ao assassinato planejado do nosso Imperador pela elite da nova nação.

Com certeza, nossa conquista tão desejada não começou tão bem quanto se esperava. Logo depois da morte do imperador, o país foi dividido em duas partes: a parte Oeste e

Sul pelo presidente Alexandre Pétion, e a parte Norte, pelo presidente Henri Christophe, que, um pouco depois, se autodeclarou Rei do Norte, com o nome de Henri I. Podemos constatar que, desde o início, nosso país nunca teve uma estabilidade política, porque tivemos golpe após golpe e ditadura após ditadura. O povo haitiano é um povo que sofreu bastante, porque nunca teve paz, após a Independência, para poder progredir.

Desde a Independência, a França nunca teve acordo diplomático com o Haiti, talvez pelo ódio que a França sentiu pelo Haiti, ou talvez nossos líderes não estivessem aptos e preparados para ter uma relação diplomática ou, ainda, devido ao Tratado de Monroe entre a França e USA: “América para os americanos” (1823), que significava que os Estados Unidos continuariam seu sistema de exploração em nossa terra. Em poucas palavras: os assuntos dos países da América deveriam ser resolvidos pelos americanos e não pelos europeus.

O Haiti e a França mantiveram uma longa distância entre mãe e filha. O ex-presidente da França, Nicolas Sarkozy, foi o primeiro presidente que pisou a terra do Haiti depois da Independência. Ele foi ao Haiti por causa do terremoto em janeiro de 2010. O presidente, François Hollande (2012 a 2017), é o primeiro presidente, em nome da França, que teve uma relação diplomática com nossa terra natal, prometendo que devolverá o dinheiro que pagamos (peças de ouro, Franc, antiga moeda francesa) pela Independência (17 bilhões de Euros no momento atual), porque realmente agora a França tem consciência de que a escravidão era um crime contra a humanidade, e pagar pela Independência seria um crime maior.

Apesar de sempre ter existido um desequilíbrio político no Haiti, a situação começou a piorar durante o governo de Aristide em 2004, devido a seu impedimento de dirigir o país; com isso as organizações ONU e OEA tomaram providência e enviaram soldados latino-americanos, de alguns países europeus e também alguns do Oriente para nos acompanhar

e auxiliar na recuperação da estabilidade política e segurança do país. Essa missão foi chamada de Minustah.

O Brasil foi escolhido para comandar as tropas de paz no Haiti e os demais países que participaram da Minustah foram: Argentina, Benim, Bolívia, Canadá, Chile, Croácia, Equador, Espanha, França, Guatemala, Índia, Jordânia, Marrocos, Nepal, Paraguai, Peru, Filipinas, Sirilanka, Estados Unidos e Uruguai. Essa ajuda foi enviada, pois uma guerra civil estava começando em nossa pátria. Até esse momento, estes guerreiros soldados estão ajudando, pois, por causa do terremoto em 2010, a situação de pobreza no país piorou. Assim, a missão pela paz da Minustah se tornou também uma missão de resgate durante os acidentes naturais. Eles estão engajados nesse trabalho há mais de 12 anos ajudando nosso país, que é um dos mais pobres do mundo. Algumas pessoas deram seu tempo, seu sangue e sua vida trabalhando lá. Não temos como agradecer-lhes, pois o que era uma missão, para muitos se transformou também em uma escolha de vida para ajudar os demais. A todas essas pessoas nossos sinceros agradecimentos.

O terremoto em janeiro de 2010 causou grandes destruições por todo o país. A maioria dos meus compatriotas acabou sem rumo e sem esperança. Cada dia rezando por uma vida melhor. Já que as suas preces não tiveram respostas, eles tentaram fugir da fome, da miséria, do desemprego e do mal-estar político. Enfim, muitos e muitos morreram no caminho para deixar a terra natal. Até agora temos essa instabilidade política e econômica, que torna o país mais pobre e infeliz do que nunca. A maior parte da elite, gente da burguesia e investidores não permaneceram no país e deixaram de investir seu dinheiro em nossa terra, o que gerou bastante desemprego.

Já são mais de duzentos anos de luta para mudar um pedaço de ilha. Mas seria por falta de interesse, por falta de apoio, ou por falta de consciência que isso ainda não aconteceu? Com certeza, deveríamos ter orgulho de dizer “sou haitiano”, contudo, é ditadura após ditadura, golpe atrás de golpe, e

presidentes que prometeram que a situação mudaria, mas nada mudou. Cada presidente que deixou a terra natal para o exílio levou consigo bastante dinheiro do povo no bolso, por exemplo, o ex-presidente Jean Claude Duvalier (Baby Doc), que levou com ele uma quantidade absurda para a França em seu exílio e isso é uma das causas de o país nunca avançar. A corrupção nesses momentos sempre é a privilegiada, e o resultado é ninguém perceber a situação. Apesar de tudo, sempre o povo manteve uma esperança inigualável nos candidatos à presidência. O país não fez avanço também porque a cada golpe, a cada exílio, os projetos anteriores nunca tiveram continuidade nem foram concluídos.

Em meados dos anos 1990, a crise política causou a instabilidade econômica e o percentual de turismo baixou bastante. Pararam as indústrias, mas o setor do comércio continuou com importações. Nossos políticos não pensaram numa reforma agrária; mesmo o ex-presidente, René G. Préval, que a havia mencionado no seu plano político, mas até hoje a maioria dos produtos consumidos são importados. Por falta de emprego e devido à instabilidade econômica, meus compatriotas começaram a deixar o país para poder buscar um alívio, pois estão cansados de seu jeito de viver, apesar de sermos um povo que sabe resistir às vicissitudes.

Nas três últimas décadas, englobando a ditadura de François Duvalier e Jean Claude Duvalier, o povo haitiano começou sua imigração para os Estados Unidos, o Canadá, a França, e para as ilhas vizinhas. Porém, em 2010, depois do terremoto, quando a situação começou a piorar ainda mais, haitianos começaram sua travessia para a América Latina. Agora, especialmente, a maioria veio rumo ao Brasil, em busca de emprego e uma vida melhor.

A minha realidade e a minha chegada ao Brasil foram um pouco diferentes daqueles dos haitianos compatriotas que estão aqui como refugiados. O motivo principal de eu vir ao Brasil foi por causa da minha congregação religiosa

(Capuchinhos). Segundo meus formadores, era necessário que eu fizesse meus estudos filosóficos aqui no Brasil, na Universidade de Caxias do Sul. Contudo, saí do seminário, casei com uma brasileira, e resolvi ficar aqui também para construir uma nova vida. Mesmo que a minha realidade ou, ainda, a minha chegada tenham sido diferentes, coloquei-me no lugar dos meus conterrâneos e me comovi com a sua situação e triste realidade. Este é o motivo principal e o porquê de escrever a respeito da nossa história, para que o povo brasileiro saiba de onde viermos e conheçam um pouco de nossa cultura e nossa infeliz situação.

Os motivos de cada haitiano vir ao Brasil são diversos, mas a maioria dos haitianos que tiveram acesso a este país conseguiu o visto, através de um acordo internacional entre a ONU e os países da América Latina, especialmente Brasil, durante o governo da presidente Dilma Rousseff, que facilitou a liberação dos vistos para os haitianos começarem sua busca por uma vida melhor. A travessia, segundo relatos de alguns de meus compatriotas, não foi nada fácil, pois nem todos conseguiram chegar aqui; a viagem é muito cara e muito longa, e tiveram de fazer várias escalas nos países vizinhos até chegarem aqui. Cada um de nós que veio ao Brasil trouxe consigo um pouco da história de nossa pátria, e também de nossas próprias histórias.

A chegada aqui não foi fácil, foi necessário se adaptar ao novo clima, a um novo idioma, a uma nova cultura. Encontrar emprego também não foi tarefa fácil. O diálogo entre os haitianos e brasileiros não era claro. Para sobreviver, aprendemos diferentes idiomas desde nossa terra natal. Mesmo assim, tivemos que fazer ainda bastante esforço para sobreviver e encontrar emprego. A questão do idioma foi o dilema maior dessa transição, porque o francês e o créole não têm nada a ver com o português. A maioria dos haitianos que está aqui é de pessoas graduadas; contudo, no primeiro momento, na maioria das vezes, a formação universitária, assim como o fato de a

maioria de nós falarmos quatro a cinco línguas nem sempre foi um ponto positivo para alguns conterrâneos se enquadrarem no mercado de trabalho brasileiro.

Muitos haitianos arriscaram tudo para chegar até aqui, porque tiveram que deixar mãe, pai, esposo, esposa, filhos e parentes. Ficam eles lá no Haiti torcendo e contando com a ajuda de quem veio ao Brasil, na esperança de que a vida aqui seja melhor do que lá. Quem chegou aqui veio acreditando no trabalho e nos estudos. Com esses dois elementos, tem-se a certeza de podermos progredir nesta nova pátria.

Mesmo estando longe da nossa terra natal, nunca nos esqueceremos dela, de sua história, porque sempre estará gravada no nosso coração. Tivemos tantas coisas que nos fazem orgulhosos. Com certeza, precisávamos viver livres e em paz, por isso, todos os dias da nossa vida, mesmo estando longe, relembramos tudo o que desejávamos ser, o que somos, o que temos agora em nossas mãos, e o que sonhamos para nossa terra. Como dizia Nelson Mandela, “Não importa o quão estreito seja o portão e quão repleta de castigos seja a sentença, eu sou o dono do meu destino, eu sou o capitão da minha alma”.

LISTA DOS PRESIDENTES DO HAITI



- **Jean Jacques Dessalines**, presidente e imperador (Jacques I) – (1º de janeiro de 1804 – 17 de outubro de 1806)
- **Alexandre Pétion** (17 de outubro de 1806 a 29 março de 1818). (Parte Oeste e Sul do Haiti)
- **Henri Christophe** (se autodeclarou presidente vitalício em 1807, no Norte e oficialmente se proclamou rei Henri I em 1811 a 8 de outubro de 1820)
- **Jean Pierre Boyer** (30 de março de 1818 a 13 de março de 1843) (unificou a Ilha a República do Haiti e República Dominicana, um pouco depois em 27 de fevereiro de 1844 a República Dominicana conquistou também sua independência do Haiti)
- **Charles Rivière-Hérard** (13 de março 1843 a 2 de maio de 1844)
- **Philippe Guerrier** (3 de maio de 1844 a 15 de abril de 1845)
- **Jean Louis Pierrot** (16 de abril 1845 a 1º de março de 1846)
- **Jean Baptiste Riché** (1º de março de 1846 a 27 de fevereiro de 1847)
- **Faustin Soulouque** (1º de março de 1847 a 26 de agosto de 1849). Em 1849, proclamou-se Imperador com o nome de Faustin 1º até 15 de janeiro 1859
- **Fabre Geffrard** (16 de janeiro de 1859 a 13 de março de 1867)
- **Nissage Saget** (20 de março de 1867 a 2 de maio de 1867)
- **Sylvain Salnave** (4 de maio de 1867 a 27 de dezembro de 1869)

- **Nissage Saget** (27 de dezembro de 1869 a 13 de maio de 1874); (13 de maio de 1874 a 14 de junho de 1874, pelo conselho do Estado)
- **Michel Domingue** (14 de junho de 1874 a 15 de abril de 1876)
- **Pierre Théoma Boisrond-Canal** (23 de abril de 1876 a 17 de julho de 1879)
- **Joseph Lamonthé** (26 de julho de 1879 a 2 de outubro de 1879)
- **Lysius Salomon** (2 de outubro de 1879 a 10 de agosto de 1888)
- **Pierre Théoma Boisrond-Canal** (10 de agosto de 1888 a 16 de outubro de 1888)
- **François Denys Légitime** (16 de outubro de 1888 a 22 de agosto de 1889)
- **Monpoint Jeune** (23 de agosto de 1889 a 17 de outubro de 1889)
- **Florvil Hypolite** (17 de outubro de 1889 a 24 de março de 1896)
- **Tirésias Simon-Sam** (31 de março de 1896 a 12 de maio de 1902)
- **Pierre Théoma Boisrond-Canal** (26 de maio de 1902 a 17 de dezembro 1902)
- **Nord Alexis** (17 de dezembro 1902 a 2 de dezembro de 1908)
- **Antoine Simon** (6 de dezembro de 1908 a 3 de agosto de 1908)
- **Cincinnatus Leconte** (24 de julho de 1911 a 8 de agosto de 1912)
- **Tancrède Auguste** (8 de agosto de 1912 a 3 de maio de 1913)
- **Michel Oreste** (12 de maio de 1913 a 27 de janeiro de 1914)

- **Oreste Zamor** (8 de fevereiro de 1914 a 29 de outubro de 1914)
- **Joseph Davilmar Théodore** (6 de novembro de 1914 a 22 de fevereiro de 1915)
- **Jean Vilbrum Guillaume Sam** (25 de fevereiro de 1915 a 28 de julho de 1915)
- **Philippe Sudré Dartiguenave** (12 de agosto de 1915 a 15 de maio de 1922)
- **Louis Borno** (15 de maio de 1922 a 15 de maio de 1930)
- **Louis Eugène Roy** (15 de maio de 1930 a 18 de novembro de 1930)
- **Sténio Vincent** (18 de novembro de 1930 a 15 de maio de 1941)
- **Élie Lescot** (15 de maio de 1941 a 11 de janeiro de 1946)
- **Franck Lavaud** (11 de janeiro de 1946 a 16 de agosto de 1946)
- **Dumarsais Estimé** (16 de agosto de 1946 a 10 de maio de 1950)
- **Franck Lavaud** (10 de maio de 1950 a 6 de dezembro de 1950)
- **Paul Magloire** (6 de dezembro de 1950 a 12 de dezembro de 1956)
- **Joseph Nemours Pierre-Louis** (12 de dezembro de 1956 a 4 de fevereiro de 1957)
- **Franck Sylvain** (7 de fevereiro de 1957 a 1º de abril de 1957); (6 de abril de 1957 a 20 de maio de 1957). Conselho executivo
- **Daniel Fignolé** (25 de maio de 1957 a 14 de junho de 1957)
- **Antonio Thrasybule Kebreau** (14 de junho de 1957 a 22 de outubro de 1957)
- **François Duvalier** (Papa Doc) (22 de outubro de 1957 a 21 de abril de 1971)

- **Jean Claude Duvalier** (Baby Doc) (21 de abril de 1971 a 6 de fevereiro de 1986)
- **Henri Namphy** (6 de fevereiro de 1986 a 7 de fevereiro de 1988)
- **Leslie Manigat** (7 de fevereiro de 1988 a 20 de junho de 1988)
- **Henri Namphy** (20 de junho 1988 a 17 de setembro de 1988)
- **Prosper Avril** (17 de setembro de 1988 a 10 de março de 1990)
- **Herard Abraham** (10 de março de 1990 a 13 de março de 1990)
- **Ertha Pascal Trouillot** (13 de março de 1990 a 7 de fevereiro de 1991)
- **Jean-Bertrand Aristide** (7 de fevereiro de 1991 a 30 de setembro de 1991)
- **Raoul Cédras** (30 de setembro de 1991 a 8 de outubro de 1991)
- **Joseph Nérette** (8 de outubro de 1991 a 19 de junho de 1992)
- **Marc Bazin** (19 de junho de 1992 a 15 de junho de 1993)
- **Jean Bertrand Aristide** (15 de junho de 1993 a 12 de maio de 1994)
- **Émile Jonassaint** (12 de maio de 1994 a 12 de outubro de 1994)
- **Jean Bertrand Aristide** (12 de outubro de 1994 a 7 de fevereiro de 1996)
- **René Préal** (7 de fevereiro de 1996 a 7 de fevereiro de 2001)
- **Jean Bertrand Aristide** (7 de fevereiro de 2001 a 29 de fevereiro de 2004)
- **Boniface Alexandre** (29 de fevereiro de 2004 a 14 de maio de 2006)

- **René Préal** (14 de maio de 2006 a 14 de maio de 2011)
- **Michel Martelly** (14 de maio 2011 a 7 de fevereiro de 2016)
- **Evans Paul** (7 de fevereiro de 2016 a 14 de fevereiro de 2016) – Interimo
- **Jocelerme Privert** (14 de fevereiro de 2016 até 7 de fevereiro 2017)
- **Jovenel Moise** (7 de fevereiro 2017 até o momento)

REFERÊNCIAS

- AUGUSTE, Claude-Bonaparte; AUGUSTE, Marcel-Bonaparte. *Les déportés de Saint-Domingue : contribution à l'histoire de l'expédition française de Saint-Domingue (1802-1803)*. Sherbrooke (Canada): Naaman, 1979.
- AUGUSTE, Claude-Bonaparte; AUGUSTE, Marcel-Bonaparte. *L'expédition LECLERC, 1801-1803*. Port-au-Prince: Henri Deschamps, 1986.
- ALLEN, James P. *The Art of Medicine in Ancient Egypt*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2005.
- BECKERICH, L. *De Longwy à Saint-Domingue: tragique aventure d'un Lorrain au XVIIIe siècle*. 1956.
- BEGOUËN-DEMEAUX, Maurice. *Mémorial d'une famille du Havre*: 1.– les fondateurs, choses et gens du XVIIIe siècle en France et à Saint-Domingue, Jacques-François BEGOÛËN, 1743-1831; 2.– Stanislas FOÛCHE, 1737-1806, négociant de Saint-Domingue. Paris: Société Française d'histoire d'Outre-Mer, 1982. 2 v.
- BELLEGARDE, Dantès. *Haïti et son peuple*. Paris: Nouvelles Editions Latines, 1953.
- BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*. Port-au-Prince: Lausanne, Held, 195.
- BUCKINGHAM, Will. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo, 2011.
- CÉSAIRE, Aimé. *Toussaint louverture*. Paris: Présence Africaine, 1962.
- CÉSAIRE, Aimé. *Toussaint louverture: la Révolution française et le problème colonial*. Paris: Présence Africaine, 1981.
- CHARLIER, Etienne D. *Aperçu sur la formation historique de la nation haïtienne*. Port-au-Prince: Les Presses Libres, 1954.
- COLE, Hubert. *Christophe, king of Haïti*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1967.

HAÏTI. *Cent Cinquante ans de commerce extérieur [d'Haïti]*. Port-au-Prince: Institut haïtien de statistique, 1954.

CORVINGTON, Georges. *Port-au-Prince, au cours des ans: La ville coloniale, 1743-1789*. Port-au-Prince: Imprimerie Henri Deschamps, 1970. t. I.

DALENCOUR, (docteur François): *Biographie du général François CAPPOIX, le héros de la bataille de VERTIÈRES (18 novembre 1803) laquelle déterminait la capitulation...des troupes françaises de Saint-Domingue*. Haïti: l'auteur; Paris: Librairie Cart, 1956.

DEBIEN, Gabriel. *La société coloniale aux XVIIe et XVIIIe siècles: les colons de Saint-Domingue et la Révolution. Essai sur le club Massiac (août 1789 – août 1792)*. Paris: Armand Colin, 1953.

DEBIEN, Gabriel. *Esprit colon et esprit d'autonomie à Saint-Domingue au XVIIIe siècle*. 2e édition. Paris: Larose, 1954.

DEBIEN, Gabriel. *Plantations et esclaves à Saint-Domingue*. Dakar: Faculté des lettres et sciences humaines, 1962.

DEBIEN, Gabriel. *De Saint-Domingue à Cuba avec une famille de réfugiés, les TORNÉZY, 1800-1809*. Port-au-Prince, 1964.

DELARUE, Paul. *Le conte populaire français. Catalogue raisonné des versions de France et des pays de langue française d'Outre-Mer: Canada, Louisiane, îlots français des États-Unis, Antilles françaises, Haïti, Île Maurice, La Réunion*. Paris: Érasme, 1957. t. 1.

DORSINVILLE, R. *Toussaint Louverture ou la vocation de la liberté*. Paris : R. Julliard, 1965.

FOUCHARD, Jean. *Les Marrons du syllabaire, quelques aspects du problème de l'instruction et de l'éducation des esclaves et affranchis de Saint-Domingue*. Port-au-Prince: Henri Deschamps, 1953. v. VI.

FOUCHARD, Jean. *Le théâtre à Saint-Domingue*. Port-au-Prince: Imprimerie de l'État, 1955, v. X.

FOUCHARD, Jean. *Plaisirs de Saint-Domingue*, I: notes sur sa vie sociale, littéraire et artistique, II: artistes et répertoire des scènes de Saint-Domingue. Port-au-Prince: 1955, IV-183 pages et IV-271 pages. 2 v,

FROSTIN, Charles. *Les révoltes blanches à Saint-Domingue aux XVIIe et XVIIIe siècles (Haïti avant 1789)*. Publié avec le concours du C.N.R.S.

- et du Haut Comité de la Langue Française. Paris: Éditions de l'École, 1975.
- GIROD, François. *Une fortune coloniale sous l'Ancien Régime, la famille HECQUET à Saint-Domingue, 1724-1794*. Paris: Les Belles lettres, 1970.
- GIROD, François. *La vie quotidienne de la société créole, Saint-Domingue au XVIIIe siècle*. Paris: Hachette, 1972.
- GOURAIGE, Ghislain. *L'indépendance d'Haïti devant la France*. Port-au-Prince: Imprimerie de l'État, 1955, v. VIII.
- GRIOT. *Jean-Jacques MITHON de SENNEVILLE, 1669-1732* [premier intendant de Saint-Domingue]. Toulon: École du commissariat de la Marine, 1969.
- HARRIS, J. R. *O Legado do Egito*. São Paulo: Imago, 1993.
- HARRASSOWITZ, Wiesbaden 2005 (Philippika, 7).
- HECTOR, Michel; MOÏSE, Claude. *Le régime colonial français à Saint-Domingue (1627-1789)*. [s. l., s. n.], 1962. Miméographié.
- HENRY, Gilles. *Monte Cristo ou l'extraordinaire aventure des ancêtres d'Alexandre Dumas*. Paris: Perrin, 1976.
- JAMES, Cyril Lionel Robert. *Les Jacobins noirs: Toussaint-Louverture et la Révolution de Saint-Domingue*. Traduit [de la 4e édition anglaise] par Pierre Naville. Paris: Caribéennes, 1984. v. XXVIII.
- JAMES, Cyril Lionel R. *Os Jacobinos Negros – Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. livro de 2007 de Edimilson de Almeida Pereira.
- LACOMBE, Robert. *Histoire monétaire de Saint-Domingue et de la République d'Haïti jusqu'en 1874*. Paris: Larose, 1958. v.VIII.
- HAÏTI. *La marine royale, autographes de marins français et documents provenant des grands voiliers, du premier siège de La Rochelle à la révolution de Saint-Domingue*. Paris: A. Brieux, 1958.
- LANDRU, Robert. *A propos d'Alexandre Dumas, les aïeux, le général, le bailli, premiers amis*. Vincennes, chez l'auteur, 28 rue de la Paix, 1977.
- LAURENT, Gérard M. *Toussaint Louverture à travers sa correspondance (1794-1798)*. Madrid: Industrias graficas España, 1953.

LAURENT, Gérard M. *Le commissaire Sonthonax à Saint-Domingue*. l'organisateur [s.l.] Imprimerie la Phalange, 1965. T. 2.

HAÏTI. *L'Église et la Première République noire [Haïti]*. Lampaul-Guimiliau (Finistère), Société des prêtres de Saint-Jacques, 1964.

LESPINASSE, Pierre-Eugène de. *Gens d'autrefois... vieux souvenirs [d'Haïti]*. Paris : Éditions du Scorpion, 1962. T. I.

MANIGAT, Leslie F. *La politique agraire du gouvernement d'Alexandre Pétion (1807-1818)*. Port-au-Prince: La Phalange, 1962.

MAUREL, Blanche. *Le vent du large ou le destin tourmenté de Jean-Baptiste GÉRARD, colon de Saint-Domingue*. Paris: Éditions du Conquistador, 1953.

MOREAU de SAINT-MÉRY, Médéric-Louis-Élie. *Moreau. Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'isle Saint-Domingue*. Nouvelle édition revue et complétée sur le manuscrit. Paris: Société de l'histoire des colonies françaises, Larose, 1958. 3 v.

PLATÃO. *A República* (Da Justiça). São Paulo: Edipro, 2006.

PRICE-MARS, docteur Jean. *La République d'Haïti et la République dominicaine. Les aspects divers d'un problème d'histoire, de géographie et d'ethnologie. Depuis les origines... en 1492... jusqu'en 1953*. Port-au-Prince, 1953. 2 v.

PRICE-MARS, docteur Jean. *De Saint-Domingue à Haïti*. Paris: Présence africaine, 1959.

PLUCHON, Pierre. *Toussaint Louverture, de l'esclavage au pouvoir*. Paris: Éditions de l'École; Port-au-Prince: Éditions Caraïbes, 1979.

RAMEAU, M.; AMBROISE ,(J. *La Révolution à Saint-Domingue (1789-1814)*. Port-au-Prince, 1961. miméographié.

RÉMUSAT, Charles de. *L'habitation de Saint-Domingue ou l'insurrection, drame inédit de Charles de RÉMUSAT (1824)*. Édition critique avec notes et commentaires, sous la direction de DERRÉ (J.R.). Paris: Éditions du C.N.R.S., 1977.

RODRIGUES, Jaime. *Barcas do inferno. Revista História viva*, Duetto. N. 66. Disponível em: <www.haiticulture.ch, 2001>.

SAINT-VICTOR, Jean-Baptiste. *Le fondateur devant l'histoire [Jean-Jacques DESSALINES]*. Port-au-Prince : Imprimerie Eben-Ezer, 1954.

SAINT-VICTOR, Jean-Baptiste. *Haïti, sa lutte pour l'émancipation: deux concepts d'indépendance à Saint-Domingue*. Paris: la Nef de Paris, 1957.

SAVANT, Jean. *Recueil de sources pour servir à l'histoire de la tentative de reconquête de Saint-Domingue (au temps du Consulat)*. Paris: Secrétariat d'État à la Marine, service historique, 1956.

SHARON, Faine. *Toussaint Louverture et la Révolution de Saint-Domingue*. Port-au-Prince, 1957. t. I.

SHARON, Faine. *Toussaint Louverture et la Révolution de Saint-Domingue*. Port-au-Prince: Imprimerie de l'État, 1959. t. II.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

THÉSÉE, Françoise. *Négociants bordelais et colons de Saint-Domingue: liaisons d'habitations, la Maison Henry ROMBERG, BAPST et Cie, 1783-1793*. Paris: Société française d'histoire d'Outre-Mer, P. Geuthner, 1972.

TYSON, George F. *Toussaint Louverture*. Englewood-Cliffs (N.J.): Prentice-Hall, 1971.

Sites:

Arte

(<http://vente.biz/auctions/info/1504/Drum-homme-ha%C3%AFtien-jouant-africaine-sculpture-en-bois-r%C3%A9alis%C3%A9e-en-Ha%C3%AFti/>)

Distintivo seleção do Haiti

(<http://www.haitilibre.com/en/news-14507-haiti-flash-two-players-of-the-national-selection-abandoned-the-delegation.html>)

HOMENAGEM



Este livro também é uma forma de agradecer ao povo brasileiro por nos acolher. Com certeza vocês sabem quem somos e de onde nós viemos. Com minha experiência, quando saí do seminário, no Estado do Rio Grande do Sul, especialmente em Caxias do Sul, foi uma família de origem italiana que me acolheu em sua casa. Essa família nem me conhecia, mas desde o primeiro dia acreditaram em mim, mesmo sendo estrangeiro. Com certeza, o povo haitiano agradece pelo apoio e também pela recepção e convivência com os brasileiros que, de coração aberto, nos receberam em sua pátria.

GRATIDÃO/GRATTITID

Por acaso a vida me colocou ao teu lado

San rann mwen kont lavi a metèm bò kotè'w

E ainda assim me sinto especial

E menm jan mwen santi'm espesyal

Sinto-me como uma estrela do mundo

Mwen santi'm kòm yon etwal mond lan

A dicotomia não faz parte da vida real.

M'santi tou diferans pa fè pati vi reyèl la

Aprendi que a luz do sol brilha para todos

Mwen aprann ke solèy la briye pou tout moun

O essencial dessa era é ser altruísta

Lesansyèl kounye a se pou youn mete'l nan plas lòt la

Unidos podemos sentir-nos orgulhosos

Se nan lunion pou nou santi nou fyè

Provando realmente ser humanista.

Se pou nou pwouve ke nou se imen

“Todo ponto de vista é vista em um ponto”

Chak moun gen opinyon pa'l

Nesse fato vemos a amplitude da história

Konsa nou ka wè grandè istwa a

Através de sua narração em fábula, mito e conto

Nan rakonte fab, mit avèk kont

Que não pode ser mudada e nem alterada.

Ki pa ka chanje ni korije

Como podemos esquecer de nossa origem

Kòman nou ka bliye kote nou sòti

Se está gravada em nossos corações?

Si li grave nan kè nou?

Aventurar-se é uma longa viagem

Aventure'w se yon gwo vwayaj

Sem rumo ou talvez sem lindas canções.

San destin, san bèl mizik

Ela deve nos ensinar através do tempo

Li dwe anseye nou nan moman lavi a

Dependendo de nossa atenção e humildade

Si nou gen atansyon avèk imilite

Deve ser ensinada por todo canto

li dwe anseye'n tout kote nou ye

Mostrando o valor de nossa humanidade

Montre'n valè'n kòm moun tout bon vre.

Contudo, a através da minha negritude, admiração
Pa onè, fyète n ke n se nèg, admirasyon
E do povo brasileiro, de seu grande apoio nos acolhendo
E pèp brezilyen an, pou gran apwi ak akèy nou
Sinto-me obrigado a expressar a minha gratidão
Mwen santi'm oblije esprime gratitud mwen
Através desse livro em nome do povo Haitiano.
Pa liv sa nan non pèp ayisyen an.
Obrigado!
Mèsi!

Mario Noël
23/3/2017

Essa dedicatória é especialmente para a família ítalo-brasileira que me acolheu, a família Nicolao Mattei e, também, ao povo brasileiro em geral, pois, apesar de tudo, nós acreditamos que juntos podemos conquistar um futuro melhor.

NASCIDO DE NOVO

Julho, mês de meu renascimento,
O mundo pintou-se obscuro e vazio
A uma nova vida sem rumo, sem destino
O caminho de repente parecia uma luta, um jogo.

E, o que fazer sem ajuda do outro?

A minha única esperança era encontrar um amigo
Numa solidão tão profunda, ouvi um “sim” de ouro
A amizade surgiu do nada, andando ao meu lado.

Mais que um belo sorriso
A minha chance foi encontrar uma família, um abrigo,
Renovando minha esperança e um novo sonho,
Inspirando-me neste simples acróstico
Assim é meu humilde gesto de dizer-lhes obrigado.

Mario Noel

7/2013



Mario Noel



ISBN 978-85-7061-864-1

